



Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto
Instituto Politécnico da Guarda

**Relatório de Estágio da Prática de Ensino
Supervisionada**

Ana Luísa Vilar Fonseca

**Mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino 1º Ciclo
do Ensino Básico**

Orientador: Joaquim Fernandes Brigas

Relatório de Estágio da Prática de Ensino Supervisionada, apresentado ao Instituto Politécnico da Guarda para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção de Mestre em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico.

Setembro 2012

Dedicatória

Este trabalho é dedicado aos meus pais e irmãs, pela coragem e determinação que sempre me transmitiram. Por simplesmente, terem sido o reflexo da minha maior aprendizagem: a luta incessante pela vida!

Agradecimentos

O outro é uma complementaridade que nos torna a nós maiores, mais inteiros, mais autênticos (...)

José Saramago in La Vanguardia, 1997

Partindo desta premissa e por ter crescido profissionalmente e pessoalmente junto de outros, resulta um profundo agradecimento:

Ao meu orientador Prof. Doutor Joaquim Brigas pela orientação crítica e apoio disponibilizado.

À mestre Fátima Gonçalves por toda a disponibilidade, ajuda e apoio na concretização deste trabalho.

À mestre Elisabete Brito pelas palavras de encorajamento, por toda receptividade e ajuda ao longo do meu percurso académico.

A todos os Professores que me acompanharam ao longo deste trajeto e por todos ensinamentos transmitidos.

Aos estabelecimentos de ensino onde realizei as Práticas de Ensino Supervisionadas, pela simpatia e disponibilidade com que me acolheram.

Às professoras cooperantes pela simpatia, disponibilidade e interesse que tiveram em transmitir os seus conhecimentos.

A todas as crianças com quem tive oportunidade de contactar ao longo das práticas pelo caloroso acolhimento e pelo que delas pude observar, escutar e aprender.

Ao meu par pedagógico, colega e amiga por me acompanhar neste percurso, levando-me a compreender a essência do espírito cooperativo na profissão e na vida.

Aos meus amigos por todas as palavras de apoio e incentivo ao longo desta caminhada.

Aos meus pais e irmãs pela dedicação, encorajamento, e ajuda que sempre me deram ao longo da minha vida.

A todos o meu Muito Obrigada!

Resumo

Este trabalho consiste num resumo da prática desenvolvida no estágio, realizado de acordo com o regulamento da Prática de Ensino Supervisionada (PES) do Mestrado em Ensino pré-escolar e 1ª Ciclo do Ensino Básico, ministrado pela Escola Superior de Comunicação e Desporto, que confere a habilitação profissional para a docência naqueles dois níveis de ensino.

O objetivo do presente trabalho é refletir sobre o percurso de formação, atitude crítica e reflexiva em relação aos desafios, processos e desempenhos do quotidiano profissional, sendo evidenciadas as dificuldades sentidas e as estratégias utilizadas para ultrapassar todos os obstáculos; será também apresentado um estudo sobre o papel do jornal escolar, como ferramenta pedagógica. Na atual sociedade de informação e do conhecimento, caracterizada por constantes mudanças, são colocadas, cada vez mais, exigências sobre métodos e práticas de trabalho na escola. Neste sentido, o papel da escola e do professor é acompanhar esta complexa sociedade de transformações, repensar estratégias e procurar recursos a utilizar nas escolas. Produzir um jornal escolar é uma mais-valia nas escolas e um importante contributo para o ensino/aprendizagem pois é um meio onde o aluno pode desenvolver a sua criatividade e tornar-se cidadão crítico e participativo, que se concebe como conhecedor e agente de direitos e deveres, dentro e fora da escola.

Palavras-chaves: Prática de Ensino Supervisionada; Jornal Escolar.

Abstract

This work included the practice developed in stage performed in accordance with the regulations of Supervised Teaching Practice (PES) of the Master in Teaching Preschool and 1st Cycle of Basic Education that gives professional qualification for teaching at both levels of education.

The aim of this paper is to reflect the training path, critical and reflective attitude towards challenges, processes and performances of everyday professional experienced, shown the difficulties and the strategies used to overcome all obstacles. It will be also presented a research on the school newspaper as a teaching tool, because today we are witnessing a society of information and knowledge, which is characterized by constant changes in turn are placed teachers increasingly demands about his method and working practices in school. In this sense the role of the school and the teacher is monitoring this complex transformations of society, then this is the need to rethink the strategies and resources for use in schools these days, so the feasibility of using and producing a school newspaper in schools as a tool to mobilize, from social practices and interests of the participants is pivotal contributing since learning of student writing up their training, while individual critical, participatory and citizen, which is conceived as knower and agent rights and duties inside and outside school.

Keywords: Supervised Teaching Practice, Newspaper in Education.

Lista de siglas

PES	Prática de Ensino Supervisionada
ESECD	Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto
1º CEB	Primeiro Ciclo do Ensino Básico
CAF	Componente de Apoio à Família
DL	Decreto Lei
IPG	Instituto Politécnico da Guarda
OCEP	Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar
JM	Jornal Mural

Índice

Dedicatória

Agradecimentos

Resumo iv

Abstract v

Lista de Siglas vi

Índice vii

Índice de figuras ix

Índice de gráficos ix

Índice de mapas ix

Índice de tabelas ix

Introdução 1

Capítulo I - Enquadramento institucional

1.1 Caracterização do contexto local 4

1.2 Caracterização do meio envolvente das instituições educativas 5

1.2.1 Jardim-de-infância de Póvoa do Mileu - Pré-escolar 5

1.2.2 1º Ciclo do Ensino Básico - Escola Básica do 1º Ciclo do Bonfim - 1º CEB 6

1.3 Caracterização das escolas 7

1.3.1 Pré-escolar - Jardim-de-infância da Póvoa do Mileu 7

1.3.2 1º Ciclo do Ensino Básico - Escola Básica do 1º Ciclo do Bonfim 8

1.4 Caracterização do ambiente educativo das instituições 11

1.4.1 Pré-escolar- Jardim-de-infância de Póvoa do Mileu 11

1.4.2 1º Ciclo do Ensino Básico - Escola do 1º Ciclo do Ensino Básico 13

1.5 Caracterizações socioeconómicas e psicopedagógicas do grupo/ turma 16

1.5.1 Grupo Pré-escolar 16

1.5.2 Turma 1º CEB 20

Capítulo II - Descrição do Processo de Prática de Ensino supervisionada

2.1 Contexto legal da PES 25

2.2 Contexto institucional da PES 26

2.3 Contexto funcional da PES 27

2.4 Experiência de Ensino/ Aprendizagem.....	29
2.5 Reflexão e autoavaliação da PES.....	40
 Capítulo III - O Jornal Escolar como ferramenta pedagógica	
3.1 Introdução	45
3.2 O jornal escolar.....	46
3.3 A importância das ferramentas pedagógicas/ didáticas.....	50
3.4 Objetivos, metodologia e amostra.....	55
3.5 Projeto “ Público na escola”	56
3.5.1 Publicações distinguidas entre 2000/01 e 2008/09.....	58
3.6 Proposta de uma prática docente.....	60
3.7 Conclusão.....	64
 Considerações finais	 65
 Bibliografia.....	 68
 Anexos.....	 69

Índice de figuras

Figura 1: Planta do Jardim-de-Infância de Póvoa do Mileu.....	8
Figura 2: Planta da Sala do 1º ano	10
Figura 3: Mapa do comportamento semanal da turma A14	16
Figura 4: Etapas da Prática de Ensino Supervisionada.....	27
Figura 5: Áreas de Conteúdo na educação pré-escolar	30
Figura 6: Áreas de Conteúdo do 1º CEB.....	36
Figura 7: Proposta de um Jornal Mural	63

Índice de gráficos

Gráfico 1: Género dos alunos do Pré-Escolar.....	17
Gráfico 2: Idades dos alunos do Pré-escolar.....	17
Gráfico 3: Número de alunos do 1º CEB.....	20

Índice de mapas

Mapa 1: Localização do distrito da Guarda	4
Mapa 2: Localização geográfica dos concelhos da Guarda	4
Mapa 3: Localização do Jardim-de-Infância de Póvoa do Mileu	5
Mapa 4: Localização da Escola Básica de Bonfim.....	6
Mapa 5: Publicações distinguidas nos entre os 2000/01 e 2008/09.....	59

Índice de tabelas

Tabela 1: Horário de funcionamento do Jardim-de-infância de Póvoa do Mileu	11
Tabela 2: Rotina diária da sala n.º 2.....	12
Tabela 3: Horário semanal da turma A14.....	14
Tabela 4: Caracterização individual do grupo da sala n.º 2	20
Tabela 5: Caracterização individual da turma A14	23

Introdução

O presente relatório surge no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada (PES) – Estágio e Relatório I e II do curso de Mestrado em Educação Pré-Escolar da Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto da Guarda (ESECD). Tem por base o trabalho desenvolvido ao longo da PES, no Jardim-de-infância de Póvoa do Mileu (Pré-escolar) e na Escola Básica do 1º Ciclo do Bonfim (1º CEB), onde foram adquiridas competências de atuação pedagógica, através da convivência e assimilação de conhecimentos relacionada com estes dois níveis de ensino.

Neste trabalho pretende-se refletir sobre as experiências vividas em ambos os estágios interventivos, que tiveram como principal objetivo vivenciar a realidade dos profissionais de ensino das duas primeiras etapas da educação básica: o educador de infância e o professor do 1º ciclo. Tanto a PES I (Pré-escolar) como a PES II (1º CEB) decorreram num período de quinze semanas, em instituições da Rede Pública do Ministério da Educação. Esta experiência permitiu uma oportunidade reflexiva sobre a globalidade da ação pedagógica e, em particular, sobre algumas especificidades decorrentes do trabalho diário, desenvolvido com os alunos.

A procura de um melhor desempenho profissional, visando a promoção do sucesso educativo, motivou a tentativa de compreensão do modo como as experiências de aprendizagem facilitam e favorecem o pleno desenvolvimento dos alunos.

Neste contexto de acordo com os princípios enunciados no Currículo Nacional do Ensino Básico (2001) a ação educativa deve preconizar:

- *A valorização de diferentes formas de conhecimento, comunicação e expressão;*
- *O desenvolvimento da curiosidade intelectual, do gosto pelo saber, pelo trabalho e pelo estudo (p. 15).*

Desta forma, no presente relatório pretende-se identificar, caracterizar e comparar ambas as instituições, nas suas analogias e diferenças, relativamente à ação educativa e aos métodos a que recorrem para enriquecer o processo de ensino/aprendizagem.

Relativamente à estrutura do trabalho, este encontra-se organizado em três capítulos: o primeiro refere-se ao enquadramento institucional- organização e administração escolar e a caracterização socioeconómica e psicopedagógica das turmas. No segundo descreve-se o processo de prática de ensino supervisionada, no qual se descreve e reflete sobre as aprendizagens e experiências vividas ao longo das PES I e PES II. No terceiro e último capítulo

é apresentado um estudo sobre o tema “O jornal escolar como ferramenta pedagógica”, através de uma abordagem teórico/prática acerca da temática.

Capítulo I

Enquadramento institucional

O primeiro capítulo aborda o contexto em que se desenvolveram as práticas pedagógicas. Uma vez que estas foram realizadas em dois ciclos de ensino distintos, numa primeira parte, caracterizar-se-ão os elementos do meio físico e social de ambos os contextos: Jardim-de-infância da Póvoa do Mileu e a Escola Básica do 1º Ciclo do Bonfim e posteriormente será feita uma descrição destas instituições e das turmas onde se realizaram as Prática de Ensino Supervisionada.

1.1 Caracterização do contexto local

As instituições onde se realizou a Prática de Ensino Supervisionada (PES) localizavam-se na área urbana da Guarda. Esta é uma cidade portuguesa¹, capital de distrito (Mapa 1) que tem uma população residente de 160 925² habitantes, situada a 1056 metros de altitude, é a cidade mais alta de Portugal. O município é limitado a nordeste pelo município de Pinhel, a leste por Almeida, a sueste pelo Sabugal, a sul por Belmonte e pela Covilhã, a oeste por Manteigas e por Gouveia e a noroeste por Celorico da Beira (Mapa 2). O Concelho da Guarda encontra-se subdividido em 55 freguesias, destacando-se duas: a da Sé e São Vicente. Na de São Vicente situa-se o Jardim de Infância de Póvoa do Mileu, onde decorreu a PES I; na freguesia da Sé realizou-se a PES II.



Mapa 1: Localização do distrito da Guarda
Fonte: www.wikipedia.pt



Mapa 2: Localização geográfica dos concelhos da Guarda
Fonte: www.destinoportugal.pt-tur.com

¹ A informação foi adaptada de <http://www.mun-guarda.pt/index.asp?idedicao=51&id Seccao=577&Action=seccao>, consultado a 6 de fevereiro de 2012.

² Dados consultados em www.ine.pt referentes aos resultados provisórios dos censos 2011.

1.2 Caracterização do meio envolvente das instituições educativas

De seguida, far-se-á uma caracterização ao meio envolvente das instituições educativas onde se realizou a PES I e PES II.

1.2.1 Jardim-de-infância de Póvoa do Mileu - Pré-escolar

O jardim-de-infância, onde foi realizada a PES I, localiza-se na Póvoa do Mileu (Mapa 3), que é hoje parte integrante da cidade da Guarda, mais precisamente na freguesia de São Vicente. A Póvoa do Mileu apresenta-se como um povoado de casas antigas com a construção em pedra, algumas já recuperadas, mas onde existem também algumas moradias e blocos de apartamentos. Esta expansão da construção civil trouxe a Póvoa do Mileu uma maior diversidade de moradores, apesar dos padrões de vida serem semelhantes.

Esta zona da cidade é uma das mais privilegiadas em termos de transportes, uma vez que é das principais portas de entrada da cidade. Nela não existem praticamente serviços públicos, apenas a escola do 1º Ciclo do Ensino Básico e o Jardim de Infância, ambos com duas salas a funcionar; duas agências bancárias e o centro de distribuição dos CTT. Existe ainda uma fábrica de lacticínios e vários espaços comerciais, que têm vindo a aumentar nos últimos anos.

O principal destaque, em termos de património cultural, é a existência de uma estação arqueológica em volta da conhecida Capela Romana da Póvoa do Mileu³.



Mapa 3: Localização do Jardim-de-Infância de Póvoa do Mileu
Fonte: www.google.map

³ Adaptado de documentos internos da instituição.

1.3 Caracterização das escolas

De seguida far-se-á uma caracterização das escolas onde decorreram as PES I e PES II, onde se descreve cada instituição e a sala em que se realizou a PES, com respetiva ilustração.

1.3.1 Pré-escolar - Jardim-de-infância da Póvoa do Mileu

O Jardim-de-Infância da Póvoa do Mileu pertence à rede pública do Ministério da Educação, integrado no Agrupamento de Escolas de São Miguel. Esta instituição é constituída por duas salas de Jardim-de-Infância (sala n.º 1 e sala n.º 2) e ainda um espaço destinado à Componente de Apoio à Família (CAF).

A sala n.º1 funciona num edifício novo e inclui espaço exterior, sendo este comum às duas salas.

A sala n.º2 (Figura 1), local onde se realizou a PES, está situada num antigo espaço comercial, alugado provisoriamente pela Câmara Municipal da Guarda, para o ano letivo 2001/2002, devido a um elevado número de crianças em lista de espera. Esta sala tem as condições mínimas para funcionar, com alguma qualidade. É grande e com bastante luz, no entanto o seu ambiente é muito frio no inverno e muito quente no verão, devido às paredes em vidro, sem qualquer tipo de isolamento. O acesso a esta sala é feito através de escadas (o que dificulta o acesso a pessoas com deficiências motoras), e não possui espaço exterior. Esta sala encontra-se organizada por diferentes espaços educativos, tais como: *Espaço do Faz-de-Conta; Espaço da Escrita e da Leitura; Espaço da Expressão Plástica; Espaço do Computador; Espaço dos Jogos de Mesa; Espaço da Garagem; Espaço da Areia e outras coisas mais; Espaço dos Fantoques; Espaço dos Jogos de Chão; Espaço de Reunião;* em cada espaço podem encontrar-se materiais, objetos e utensílios referentes a cada campo.

O espaço que se destina à CAF encontra-se no primeiro andar do prédio, ao lado da sala n.º 2, junto à estrada nacional n.º16.

Em relação à caracterização dos recursos humanos, a sala n.º2 do Jardim de Infância da Póvoa do Mileu, no ano letivo 2010/2011 contou com uma Educadora de infância, uma auxiliar de ação educativa, treze crianças, pais e outros parceiros educativos.

O jardim encontra-se bem equipado, fazendo parte desse equipamento como: Mobiliário (cabides, mesas, cadeiras, armários, carpetes, almofadas...), material didático (jogos de manipulação, jogos de construção, jogos de encaixe, puzzles, legos, jogos em madeira, livros infantis, jogos simbólicos, instrumentos musicais...), Material de apoio (máquina fotográfica, leitor de CD's, computadores, impressoras...), materiais para trabalhos manuais (colas,

tesouras, picos, esponjas, tintas, pinceis, papéis de diferentes tamanhos e texturas, plasticina, tecidos, rafia, lã, lápis de cor, canetas de feltro, lápis de cera....).

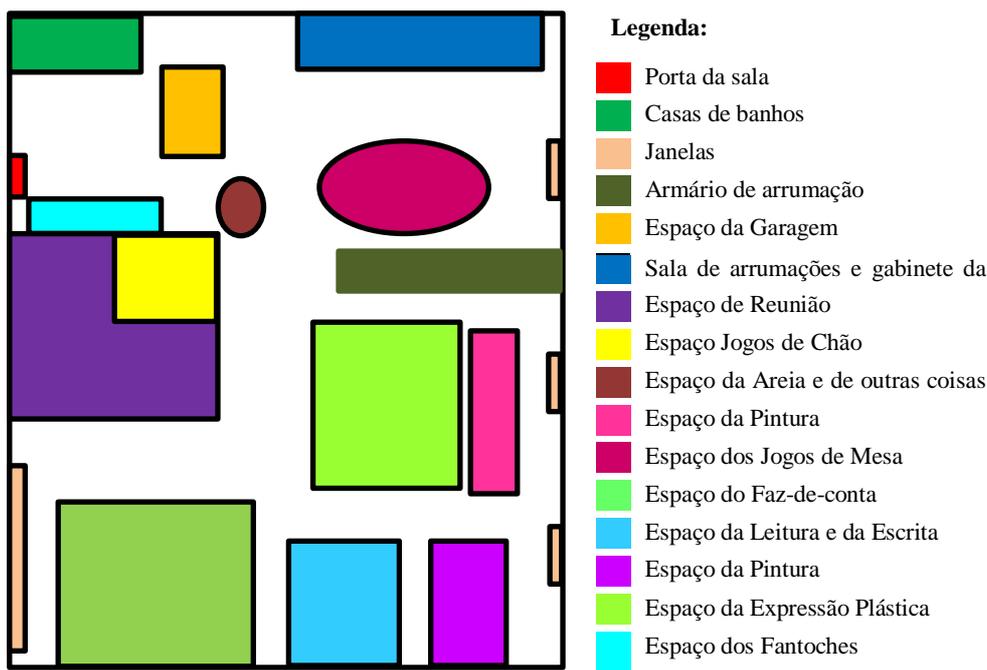


Figura 1: Planta do Jardim-de-Infância de Póvoa do Mileu
 Fonte: Elaborado pelo grupo de estágio.

1.3.2 1º Ciclo do Ensino Básico - Escola Básica do 1º Ciclo do Bonfim

A Escola Básica do 1.º Ciclo do Bonfim começou a ser construída em 1941, na rua Santos Lucas, quase em frente ao portão do Seminário e entrou em funcionamento em 1944, tendo sofrido remodelações em 2002/2003 (ano em que a escola funcionou nas instalações do Estádio Municipal). Possui dois pisos, cada um com duas salas de aula. A Escola Básica do 1º Ciclo do Bonfim situa-se, atualmente, no centro da cidade da Guarda.

A escola é constituída pelos seguintes espaços:

- 2 Salas de aulas no 1º piso (1.º e 2.º anos);
- 2 Salas de aulas no 2º piso (3.º e 4.º anos);
- 1 Sala no 1º piso, ocupada pela Biblioteca Escolar Adriano Vasco Rodrigues;
- 1 Salão que serve as aulas de Expressão Físico-Motora e de logradouro;
- 1 Sala para as Assistentes Operacionais;

- 1 Reprografia junto à biblioteca;
- 1 Casa de banho para meninos;
- 1 Casa de banho para meninas;
- 1 Casa de banho para deficientes motores;
- 3 Divisões no sótão, ocupadas pela sala de informática e também de apoio educativo, pela sala dos professores, por uma arrecadação e por uma casa de banho para adultos.
- 2 Arrecadações, no exterior;
- 1 Sala onde se encontra o sistema de aquecimento;
- 1 Minicampo polivalente para desportos coletivos;
- 1 Logradouro cimentado, no exterior.

O salão é utilizado para atividades orientadas e programadas para uma turma ou toda a escola. Serve também como logradouro, em dias de frio intenso ou chuva. A sua utilização como espaço de aulas obedece a uma distribuição de horários pelas quatro turmas, para evitar sobreposições.

A biblioteca cumpre um regulamento próprio e pode servir para sala de leitura. Deve funcionar com uma turma ou parte dela, obedecendo, igualmente, a um calendário e horário por turnos.

O espaço exterior deve ser utilizado para os intervalos e para atividades desportivas ou de Expressão e Educação Físico-Motora.

A sala do 1º ano (Figura 2), onde se realizou a PES II, encontra-se localizada no 1º piso; é uma sala ampla e com bastante iluminação, constituída por secretárias e cadeiras para os alunos e para a professora, um quadro triplo (magnético e de giz), lavatórios, placares para se afixarem trabalhos realizados pelos alunos, um computador, armários, aquecedores.



Figura 2: Planta da Sala do 1º ano
 Fonte: Documentos internos da instituição

Os recursos humanos da Escola Básica do 1.º Ciclo do Bonfim encontram-se distribuídos da seguinte forma: quatro Professores do Ensino Regular, um por turma e por ano de escolaridade; uma Professora de apoio educativo para os alunos que apresentam mais dificuldades no processo de ensino/aprendizagem; Professores para atividades de enriquecimento curricular, responsáveis pelas seguintes áreas de Expressão Plástica, Expressão Físico- Motora, Inglês, Expressão Musical, Expressão Artística e Expressão Dramática, Alunos do 1º, 2º, 3º e 4º ano de escolaridade e 3 Assistentes Operacionais (1 em serviço na Biblioteca).

A Escola Básica do 1.º Ciclo do Bonfim encontra-se muito bem equipada, fazendo parte desse equipamento, itens como: retroprojektor, videoprojektor, Computadores com e sem internet, manuais escolares, material de desporto diversificado e material didático diverso.

1.4 Caracterização do ambiente educativo das instituições

De um modo geral, qualquer instituição possui horários e regras de funcionamento que devem ser observadas e posteriormente cumpridas por professores, alunos, funcionários, pais e toda a comunidade educativa. Ao longo das PES I e II foram cumpridos esses horários e regras. Seguidamente apresentam-se os horários de funcionamento de ambos.

1.4.1 Pré-escolar- Jardim-de-infância de Póvoa do Mileu

O horário de funcionamento (Tabela 1) do Jardim-de-infância de Póvoa do Mileu, ano letivo 2011/2012 foi o seguinte:

Horário Componente Letiva:	Horário Componente de Apoio à Família (CAF)
Período da Manhã: 8h30 – 12h Período da Tarde: 14h – 15h30	Período de Acolhimento: 7h45 – 8h30 Período do Almoço: 12h – 14h Período da Tarde: 15h30 – 18h30

Tabela 1: Horário de funcionamento do Jardim-de-infância de Póvoa do Mileu
Fonte: documentos internos da instituição.

O atendimento aos Pais/Encarregados de Educação, neste ano letivo, verificou-se às segundas e terças-feiras, entre as 15: 30H às 16:30H.

A gestão do tempo no Jardim-de-infância teve em conta a satisfação das necessidades das crianças, de modo a permitir a construção progressiva de uma rotina diária e coerente, de forma a permitir à criança várias oportunidades, tais como, participar em atividades, brincar, comer, descansar, comunicar, entre outros. A sala n.º2 onde foi realizada a PES I, obedeceu á rotina que se apresenta na Tabela 2.

Horário	Rotina do grupo da sala n.º 2
8h:30m	Acolhimento matinal
8h:30m	Atividades jogos de mesa
9h:15m	Atividade de expressão motora
10:00h	Higiene
10h:15m	Lanche
10h30m	Reunião no espaço de conversa
11h15m	Atividade orientada
11h45m	Higiene
12:00h	Almoço
14:00h	Reunião no espaço de conversa
14h:30m	Atividade orientada ou livre
15h:15m	Higiene
15h:30m	Saída

Tabela 2: Rotina diária da sala n.º 2
Fonte: elaboração própria

As rotinas ensinam à criança a noção da passagem do tempo e o que é esperado acontecer em cada altura do dia: *uma rotina é uma faculdade ou habilidade adquirida pelo hábito e não pelo raciocínio* (Enciclopédia Manual de Educação Infantil , 2002, p. 187) , ou seja, é a sequência de acontecimentos e interações, que ocorrem no Jardim-de-Infância ao longo do dia, esta vai permitir às crianças compreenderem a forma como tudo se organiza e acontece, sendo esta adquirida pelo hábito.

É através da rotina que as crianças constroem o seu processo de aprendizagem, logo estas necessitam de momentos de ação, para se descobrirem a si próprias e aos outros. Tendo sempre em atenção o ritmo próprio de autoconstrução de cada criança quer a nível emocional, cognitivo e social, *uma rotina diária consistente permite à criança aceder a tempo suficiente para perseguir os seus interesses, fazer escolhas e tomar decisões, e resolver problemas “à dimensão da criança” no contexto dos acontecimentos que vão surgindo* (Hohmann & Weikart, 2007, p. 224). Neste grupo verificou-se que existe uma rotina diária, bem organizada, sistemática e flexível, respondendo às reais necessidades e interesses das crianças, uma vez que apoia a iniciativa e o desenvolvimento social das mesmas, através da realização de aprendizagens ativas e significativas.

As regras observadas e que constaram nesta instituição, no ano letivo 2010/2011, foram:

- Cumprimentar e despedir-se sempre que entra ou sai da instituição;
- Vestir/despir os bibes;
- Colocar a mochila no cabide;
- Organizar sempre o comboio nas idas a casa banho e saídas da instituição;
- Respeitar e ajudar os colegas;
- Cuidar os materiais;
- Partilhar brinquedos com os colegas.

1.4.2 1º Ciclo do Ensino Básico - Escola do 1º Ciclo do Ensino Básico

Em todas as escolas do ensino básico os alunos têm uma rotina, ajustada a um horário semanal (Tabela 3) que deve ser cumprido. Os horários que se estabelecem na sala desenrolam-se numa sequência definida no início do ano letivo pelo agrupamento. Estes horários adaptam-se, também, não só às necessidades de cada aluno mas também à importância de se estabelecerem regras e hábitos de funcionamento na sala, principalmente nesta faixa etária. Assim é importante salientar que o dia dos alunos não se preenche apenas com horários, mas também com outras atividades que possam surgir, como visitas de estudos, horas do conto, entre outras, propostas pela instituição ou pela comunidade envolvente.

É ainda de realçar que os horários são uma mais-valia, por exemplo no que diz respeito ao tempo destinado a cada área, uma vez que os alunos interiorizam através desta a importância da mesma – os alunos já sabem que cada área tem um determinado tempo, e que esse tempo deve ser aproveitado da melhor forma para que a aprendizagem seja eficaz. Todos estes comportamentos só são interiorizados quando realizados com frequência.

Deste modo, os horários devem ser cumpridos, contudo com uma certa flexibilidade e permitindo um pouco de liberdade para a alteração dos mesmos, uma vez que estes *não se tratam de uma sequência imutável de acontecimentos sobre os quais os adultos tomam todas as decisões, nem uma série de atividades diárias que acontecem ao acaso, sem estrutura* (Hohmann & Weikart, 2007, p. 227) mas uma combinação consciente das duas.

A rotina diária (os horários) é, portanto *flexível na forma como os adultos compreendem que nunca podem prever com exatidão aquilo que as crianças farão ou dirão, ou como as decisões que as crianças tomam irão moldar cada experiência* (id, *ibid*, p.227). Neste sentido, o horário proporciona aos alunos oportunidades para adotar e desenvolver os seus próprios

interesses e permite ao professor acompanhar a evolução de cada aluno, a cada dia que passa. Assim, quando os horários são bem geridos proporcionam uma estrutura diversificada que permite a atividade e a criatividade, quer dos alunos quer do professor.

Horário Semanal da Turma A14					
Horas	segunda-feira	terça-feira	quarta-feira	quinta-feira	sexta-feira
9H/10H30M	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
10H50M/12H	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
14H/15H	Estudo do Meio	Estudo do Meio	Estudo do Meio	Estudo do Meio	Estudo do Meio
15H10M/16H	Expressão Plástica	Expressão Plástica	Educação Física	Expressão Dramática	Expressão Plástica
Atividades de Enriquecimento Curricular (AE'S)					
16H10M/16H55M	Atividade Física e Desportiva	Inglês	Apoio ao Estudo	Expressões artísticas	Música
17H05M/17H50M	Atividade Física e Desportiva	Inglês	Apoio ao Estudo	Expressões artísticas	Música

Tabela 3: Horário semanal da turma A14
Fonte: documentos internos da instituição.

O atendimento aos Pais/Encarregados de Educação desta turma, no ano letivo 2011/2012, era nas primeiras segundas-feiras de cada mês, entre as 16h e as 17h e, sempre que necessário, com aviso prévio.

As regras de funcionamento na sala de aula foram estabelecidas de acordo com o Projeto Educativo. Os alunos devem obedecer às regras, que foram estipuladas na turma e com a turma, para que o sentido da responsabilização fosse acrescido, pretendendo-se que o comportamento melhora, tanto na turma como fora dela, onde o respeito pelo outro seja uma forma comportamental e um valor a atingir na vida de cada um. Enunciam-se as regras estipuladas:

- Os alunos entram na sala de aula, ordeiramente, e dirigem-se para os seus lugares, sem encontrões;
- Os alunos sentam-se corretamente, segundo a planta estabelecida pelo professor;

- Os alunos retiram-se da sala, ordenadamente, e sem fazer barulho;
- Os alunos desligam e guardam os telemóveis antes de entrarem na sala de aula;
- Os alunos não usam chapéus, ou similares, dentro da sala de aula;
- Os alunos não usam luvas, dentro da sala de aula;
- Os alunos não comem nem bebem na sala de aula, salvo em situações específicas, autorizadas pelo professor;
- Os alunos são pontuais e assíduos;
- Os alunos trazem o seu próprio material;
- Os alunos preparam-se para as atividades assim que entram na sala;
- Os alunos pedem permissão para sair do seu lugar;
- Os alunos levantam o braço quando querem participar/falar e esperam pela sua vez;
- Os alunos ouvem-se uns aos outros, sem interromper;
- Os alunos estão atentos e não distraem os colegas;
- Os alunos solicitam ao professor o esclarecimento de dúvidas;
- Os alunos respeitam os seus colegas, o professor e restantes funcionários;
- Os alunos não mastigam pastilha elástica, na sala de aula;
- Os alunos utilizam a cor azul ou preta nos trabalhos a entregar ao professor;
- Os alunos colaboram nos trabalhos de grupo;
- Os alunos fazem regularmente os trabalhos de casa;
- Os alunos têm os cadernos organizados e em dia;
- Os alunos mantêm a sala limpa e arrumada.
- Existe um mapa do comportamento (Figura 3), onde todos os dias é registado o comportamento dos alunos: bolinha verde para o bom; amarela para o que não cumpre uma das regras e vermelha para o que não cumpre duas ou mais das regras estipuladas. No final de cada dia, o mapa é enviado aos pais para ser assinado.

O meu comportamento:

Semana de : / / a / /

Segunda-feira	Terça -feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta -feira
				
Enc. de Educação: -----				

Figura 3: Mapa do comportamento semanal da turma A14
Fonte: documentos internos da instituição

1.5 Caracterizações socioeconómicas e psicopedagógicas do grupo/turma

De seguida faz-se uma breve caracterização do grupo/turma onde se realizou as PES I e PES II, nos diferentes graus de ensino, assim como os modelos de funcionamento do Jardim-de-Infância e da Escola do 1º Ciclo do Ensino Básico. Em relação à identidade dos grupos esta mantém-se no anonimato pois não foi dada autorização para se revelarem nomes.

1.5.1 Grupo Pré-escolar

O grupo de crianças da sala nº2 do Jardim-de-Infância da Póvoa do Mileu é um grupo⁶ heterogéneo, constituído por treze crianças como podemos verificar no gráfico 1 (elaborado através dos dados recolhidos, Anexo I) que se segue; nove das crianças são do género masculino e quatro do género feminino.

⁶ No pré-escolar a designação é grupo, enquanto no 1º Ciclo do Ensino Básico é turma.

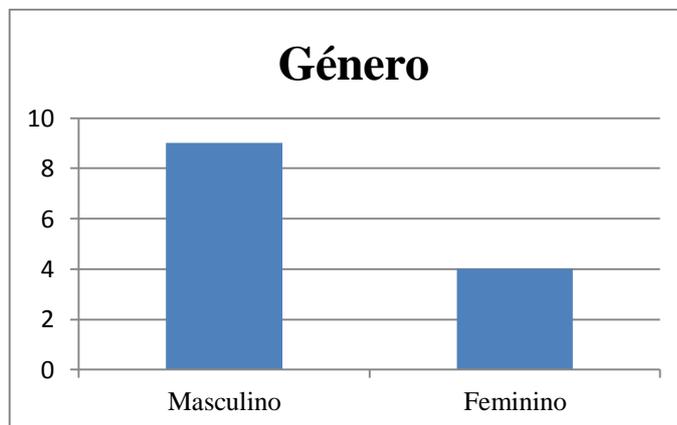


Gráfico 1: Género dos alunos do Pré-Escolar
Fonte: elaboração Própria

Em relação as idades, neste grupo observou-se que as idades são compreendidas entre os três e cinco anos, mais concretamente, quatro crianças com 3 anos, cinco com 4 anos e quatro com 5 anos, como podemos visualizar no gráfico 2.

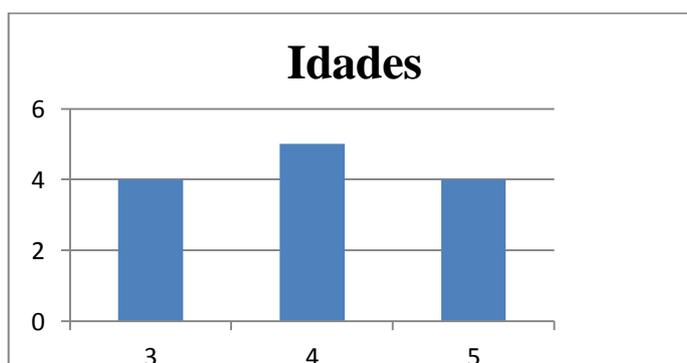


Gráfico 2: Idades dos alunos do Pré-escolar
Fonte: elaboração própria

Relativamente à permanência de alunos nesta instituição, o grupo é constituído por cinco crianças que frequentaram o jardim-de-infância, no ano letivo anterior. No que se refere à assiduidade, existem três crianças do grupo que no seu dia-a-dia não são assíduas, as restantes frequentam a instituição continuamente, faltando apenas em situações pontuais.

Em relação ao comportamento do grupo, este é de um modo geral, calmo, amável e possui comportamentos assertivos. Trata-se de um grupo dinâmico, com vontade de trabalhar, e de realizar diversas aprendizagens.

No que diz respeito à interajuda, trata-se de um grupo onde este aspeto está presente, refletindo-se nas atividades em grupo, através de um simples gesto de uma criança que ajuda o seu colega na sala a desempenhar determinada tarefa como arrumar um jogo, colocar corretamente o seu símbolo no quadro, que se encontra em cada espaço da sala. Quanto à autonomia, algumas crianças do grupo (três anos) ainda não são totalmente autónomas para atividades simples como desapertar um botão das calças, ou para irem buscar um lenço para se assoarem. Em relação à higiene, o grupo na sua maioria possui autonomia, uma vez que a maioria das crianças consegue realizar a sua higiene. Pelo que podemos observar, o grupo, de um modo geral, não apresenta carências afetivas.

Porém, trata-se de um grupo calmo e com personalidades distintas onde existem crianças mais afáveis, calmas, trabalhadoras, a crianças mais agitadas e desatentas nas atividades propostas.

Em relação às competências das crianças ao nível da linguagem, a maioria do grupo possui uma linguagem enriquecida e bem desenvolvida, não utilizando demasiados diminutivos. No entanto, existe uma minoria, que apresenta algumas dificuldades na linguagem, nomeadamente, a nível da expressão oral, como é o caso da aluna M, uma menina de três anos que troca algumas consoantes como o “s” pelo “t”, ela não diz “sim”, mas “tim”.

De um modo geral as crianças conseguem compreender facilmente as mensagens orais e possuem já um vasto léxico de palavras. Também é importante referir que algumas crianças deste grupo (quatro e cinco anos), já conseguem reconhecer por escrito o seu nome e dos seus colegas, pois já identificam, no quadro de presenças, o seu nome manuscrito pela sua representação gráfica e não por símbolos.

Quanto ao Conhecimento do Mundo, já possuem algumas noções significativas sobre o corpo humano (esquema corporal, a imagem de si, noção de género), sobre o meio físico, pois têm conhecimento das características das diferentes estações do ano, noções espaciais e temporais e conseguem discriminar algumas cores, formas, tamanhos e os números.

No que se refere à motricidade fina, as crianças mais velhas (quatro e cinco anos) já conseguem colorir as imagens, respeitando os limites das mesmas. Quanto ao desenho da figura humana, esta já é notória e diferenciada, porque já realizam desenhos completos e estruturados. Como já foi referido, algumas das crianças já identificam o seu nome no placar e conseguem escrevê-lo nos seus trabalhos. Dentro deste aspeto, também é visível que algumas das crianças já conseguem utilizar as tesouras corretamente nas suas atividades. Relativamente a pegar num lápis ou num pincel, as crianças mais velhas (quatro e cinco anos) já o conseguem segurar corretamente, o que facilita um maior desempenho nas tarefas de pintura, da escrita, picotagem, entre outras. Relativamente às crianças mais novas (três anos), ainda apresentam algumas

dificuldades em colorir as imagens, não respeitando os limites das mesmas, demonstrando ainda algumas dificuldades em pegar numa tesoura ou num lápis.

No que diz respeito ao Domínio da Expressão Motora as crianças de quatro e cinco anos, apresentam uma motricidade já bem desenvolvida como por exemplo saltar com os dois pés juntos, no entanto as crianças de três anos, a este nível, apresentam algumas dificuldades.

Em relação à escolha do material didático, o grupo demonstra ser bastante autónomo na sua escolha, pois quando este realiza as suas atividades lúdicas, escolhe e retira os materiais da prateleira com facilidade, e no fim de o utilizar, arruma-o sem necessitar constantemente da intervenção ou do auxílio de um adulto. No que se refere às atividades livres, a maioria das crianças tem tendência para brincar em grupo, socializam umas com as outras, sem fazer qualquer discriminação.

Ao caracterizar e observar um grupo de crianças deve ter-se em atenção inúmeros aspetos e constatar-se quais os fatores inibidores/facilitadores ao processo ensino/aprendizagem (Tabela 4). Relativamente a este grupo, de um modo geral, no que concerne aos fatores inibidores, identificaram-se a falta de atenção/concentração, a pouca autonomia que revelam as crianças de três anos e alguns problemas relativos ao domínio da linguagem.

Como fatores facilitadores do processo ensino/aprendizagem, salienta-se a participação e o espírito de entreajuda que se verifica em grande parte das crianças de quatro e cinco anos, que desempenham um papel impulsionador, relativamente ao resto do grupo. Também a assimilação e o cumprimento de regras por todo o grupo são fatores facilitadores no processo de ensino/aprendizagem.

Caracterização individual do Grupo da Sala N.º 2							
Nomes	Concentração/ Atenção	Domínio da língua	Autonomia	Iniciativa	Participativo	Vontade de aprender	Cumpre as Regras
A	●	●	●	●	●	●	●
B							
C	●	●	●	●	●	●	●
D							
E							
F	●	●	●	●	●	●	●
G	●	●	●	●	●	●	●
H	●		●	●	●	●	●
I	●	●	●	●	●	●	●
J	●	●	●	●	●	●	●
K					●	●	●
L					●	●	●
M					●	●	●

Legenda: ● Releva, Ausência de ● Não Revela

Tabela 4: Caracterização individual do grupo da sala n.º 2
Fonte: elaboração própria recolhida ao longo da PES I

1.5.2 Turma 1º CEB

A turma da Escola Básica do Bomfim é constituída por vinte e cinco alunos: dezasseis do género masculino e nove do sexo feminino, como se pode verificar no gráfico 3 (elaborado de acordo com os dados do Anexo II).

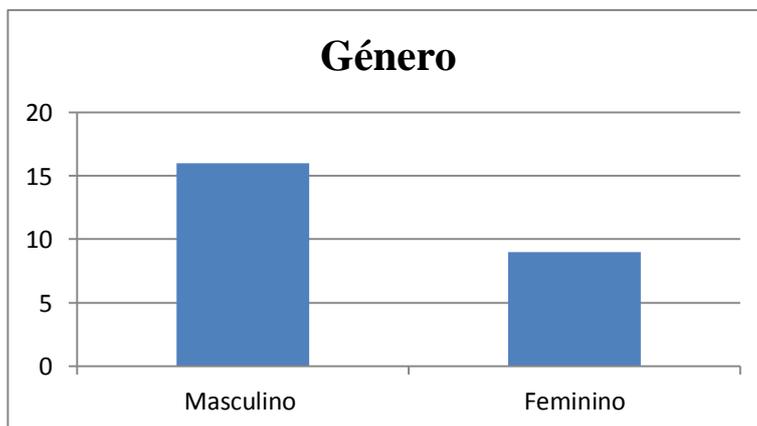


Gráfico 3: Número de alunos do 1º CEB
Fonte: elaboração própria

Os alunos têm todos seis anos (Tabela 5), são assíduos e pontuais, de um modo geral, à exceção de um aluno que chega todos os dias atrasado, na entrada da manhã. Geralmente só costumam faltar por motivo de doença.

Colaboram nas atividades escolares com bastante interesse, quer quando são solicitados, quer por iniciativa própria. Há três alunos bastante ativos e faladores que, por vezes, perturbam o normal funcionamento das aulas. Também há um aluno que raramente quer trabalhar, estando constantemente distraído e a conversar com o colega do lado. É muito imaturo e infantil, o que tem vindo a prejudicar o seu aproveitamento escolar. Há uma aluna que demonstra muitas dificuldades na área de Língua Portuguesa e Matemática, talvez devido à sua imaturidade. A maioria dos alunos pertence a um meio socioeconómico médio alto, sendo a maior parte dos encarregados de educação empregados de serviços, possuindo, maioritariamente, o ensino superior, como habilitações académicas (Anexo II). Vinte e quatro alunos vivem com o pai e a mãe à exceção de um que vive com a mãe, devido ao divórcio entre os pais.

O envolvimento dos Pais/Encarregados de Educação na vida escolar é demonstrado pela rapidez com que se dirigem à Escola, sempre que são solicitados, ou exista algum problema para ser resolvido. A maioria ajuda os filhos na realização dos trabalhos de casa e outros trabalhos escolares.

A turma é relativamente homogénea, com exceção de dois alunos que têm bastantes dificuldades de aprendizagem. Os dois alunos referidos, têm apoio educativo, uma hora e meia de manhã e uma hora à tarde, por semana. A turma, no seu aspeto geral, apresenta um comportamento razoável, obedecendo às regras estipuladas, mas sendo ainda um bocadinho conversadores. São ainda muito dependentes dos adultos, mas têm vindo a melhorar, gradualmente. A turma, de um modo geral apresenta um nível de aproveitamento escolar bastante satisfatório.

Ao caracterizar e observar uma turma deve ter-se em atenção inúmeros aspetos e constatar quais os fatores inibidores/facilitadores ao processo ensino/aprendizagem. Relativamente a este grupo, de um modo geral, no que concerne aos fatores inibidores podem considera-se o facto de a Turma ser muito grande, com ritmos e capacidades muito diferenciados; as dificuldades de acompanhamento individualizado às crianças menos autónomas; a necessidade constante de diversificar metodologias, estratégias e tarefas de forma a motivar os menos interessados e a dar resposta aos mais exigentes; produzir/selecionar em quantidade e variedade, material necessário à execução das tarefas e conseguir por parte das crianças uma conveniente adaptação ao ambiente escolar, com o necessário cumprimento e respeito pelas regras definidas em conjunto.

Como fatores facilitadores do processo ensino/aprendizagem, podemos referir a participação e o espírito de entreajuda; turma bastante interessada e empenhada em adquirir novas aprendizagens; apoio incondicional por parte dos Pais/Encarregados de Educação em tudo o que diz respeito à vida escolar dos seus educandos e Escola dotada de boas condições físicas, materiais e humanas. A Tabela 5 foi adaptada do documento facultado pela professora cooperante perspetivando uma caracterização individual dos alunos. O método utilizado para o seu preenchimento foi a observação diária do comportamento dos alunos.

Caracterização individual dos alunos da turma A14

Nomes	Comunicativo	Inibido	Calm	Espontâneo	Sociável	Colaborante	Observador	Participativo	Autônomo	Organizado	Criativo	Atento	Respeitador	Responsável	Pontualidade/ assiduidade
A	•			•	•	•	•	•			•		•	•	•
B	•			•	•	•	•	•	•		•		•	•	•
C	•			•	•	•	•	•		•	•		•	•	•
D		•	•		•		•			•	•	•	•	•	•
E	•			•	•		•	•		•	•	•	•	•	•
F			•	•	•	•	•		•	•	•	•	•	•	•
G	•			•	•		•	•			•		•	•	•
H	•							•			•		•	•	•
I	•			•	•	•	•	•			•		•	•	•
J	•			•	•		•			•	•	•	•	•	•
K	•			•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•
L	•			•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•
M					•					•	•	•	•	•	•
N	•			•	•		•			•	•	•	•	•	•
O	•		•	•	•	•			•	•	•	•	•	•	•
P			•		•						•		•	•	•
Q			•	•	•		•	•		•	•	•	•	•	•
R	•		•	•	•					•	•		•	•	•
S			•	•	•		•	•		•	•	•	•	•	•
T	•			•	•			•			•	•	•	•	•
U	•			•	•		•	•			•	•	•	•	•
V	•			•	•		•	•	•	•	•	•	•	•	•
W		•		•	•			•			•	•	•	•	•
X		•		•	•					•	•	•	•	•	•
Y	•			•	•					•	•	•	•	•	•

Legenda: • Releva, Ausência de • Não Revela

Tabela 4: Caracterização individual da turma A14
 Fonte: Adaptado de dados fornecidos pela cooperante da PES

Capítulo II

Descrição do Processo de Prática de Ensino supervisionada

O presente capítulo refere-se à descrição da Prática Supervisionada e contém uma breve contextualização legal, contexto institucional e funcional, a experiência de Ensino/Aprendizagem e por último uma reflexão e autoavaliação referente às PES I e PES II.

2.1 Contexto legal da PES

No Decreto-Lei (DL) n.º 43/2007, de 22 de Fevereiro, são definidas as novas condições para a obtenção de habilitação profissional para a docência em diferentes domínios da especialidade. Com a criação e consequente alteração dos ciclos de estudos, no contexto do processo de Bolonha, foi definido no DL n.º 74/2006, de 24 de Março, revisto e atualizado pelo n.º 107/2008 de 25 de Junho, o enquadramento jurídico que estabelece os percursos de formação profissional dos educadores e professores alterando não só nos ciclos de formação que conferem o grau mínimo necessário à habilitação para a docência como as condições de acesso aos diferentes ciclos de formação.

Neste enquadramento legislativo e considerando a aprovação pelo Conselho Técnico-Científico da Escola Superior e Educação, Comunicação e Desporto, em 7 de fevereiro de 2012, e a homologação por parte do Presidente do Instituto Politécnico da Guarda (IPG), em 13 de fevereiro de 2012, torna -se público o Regulamento da Prática de Ensino Supervisionada dos Cursos de Mestrado Habilitadores à Docência do Instituto Politécnico da Guarda, aplica-se à Prática de Ensino Supervisionada (PES organiza-se em aulas (sessões letivas) supervisionadas e em observações letivas (às aulas do orientador cooperante e dos colegas estagiários) nas escolas cooperantes. A orientação geral da PES é da responsabilidade da Comissão de Coordenação do curso de mestrado, sendo a orientação de cada grupo de estágio é cometida aos: Professor (es) supervisor (es) dos diferentes níveis e áreas científicas da ESECD -IPG, ou ao(s) especialista(s) de mérito reconhecido pelo Órgão competente da ESECD -IPG, ouvida a Comissão de Coordenação do curso de mestrado e aos Orientadores cooperantes, de cada nível e área do estabelecimento de ensino, onde decorre o estágio;

As intervenções da PES decorrem sempre na presença do orientador cooperante, que apoiará as atividades de desenvolvimento curricular organizacional, realizadas fora da sala de aula. No que se refere observação de aulas lecionadas pelo orientador cooperante deve ter lugar, pelo menos, nas duas primeiras semanas de estágio. As assistências a regências/atividades pedagógicas dos estagiários devem constar no plano de formação; de cada regência efetuada, deverá ser elaborado um registo de auto/hétero avaliação, que será assinado por todos os intervenientes.

De acordo com a publicação em *Diário da República, 2.ª série — N.º 42 — 28 de fevereiro de 2012* as funções de cada estagiário são: conceber o seu plano de formação; prestar o serviço de regência docente, em pelo menos quinze sessões de cada área, do nível de ensino respetivo; assistir, obrigatoriamente, às aulas de regência de outros estagiários do grupo, de acordo com o plano de formação; realizar as outras atividades que constem no plano de formação; participar nas sessões de natureza científica, cultural e pedagógica, realizadas no âmbito da PES; participar na planificação, ensino e avaliação das atividades a desenvolver dentro e fora da sala de aula; elaborar o seu dossiê de estágio pedagógico, na perspetiva de suporte ao relatório final de estágio; participar nas reuniões com o professor supervisor, conforme o horário e calendário estipulados; cumprir, no mínimo, 75 % das atribuições previstas (letivas e outras) e conceber e redigir o seu relatório final de estágio.

2.2 Contexto institucional da PES

A PES I E II decorreram na cidade da Guarda, em instituições diferentes e de nível ensino distintos, mas ambas pertencentes à Rede Pública do Ministério da Educação. Como já tem vindo a ser referido, a PES I decorreu na Freguesia de S. Vicente no Agrupamento de Escolas da S. Miguel – Jardim de Infância da Póvoa do Mileu; teve início a 1 de Março de 2011 e terminou em 16 de Junho do mesmo ano. Decorreu três vezes por semana, às segundas-feiras, terças-feiras e quartas-feiras, durante o período manhã (8:30 às 12:30) e tarde (14:00 às 15:30), com a duração total de 15 semanas, sendo que quatro delas foram destinadas à fase de observação e as restantes de intervenção, resultando em 15 regências e tendo ficado a orientação a cargo da mestre Francisca Oliveira e tendo como Professora Cooperante a Educadora Teresa Baptista Galinho.

No que se refere à PES II, decorreu na Freguesia da Sé no Agrupamento de Escolas da Área Urbana da Guarda – Escola Básica de Bonfim, estágio decorreu de 12 de outubro de 2011 a 1 de fevereiro do corrente ano, realizando-se três vezes por semana, às segundas-feiras, terças-feiras e quartas-feiras durante o período da manhã (9:00 às 12:00) e tarde (14:00 às 16:00), tendo uma duração total de 15 semanas, as duas primeiras destinadas à fase da observação e as restantes dedicadas à intervenção, resultando num total de 16 regências, tendo ficado a orientação a cargo da mestre Elisabete Brito e tendo como Professora Cooperante a Professora Ana Margarida Cardoso.

2.3 Contexto funcional da PES

Com base em perspectivas pedagógicas sócio- construtivistas e funcionais, a ação do educador/professor deve ser intrínseca a uma intencionalidade educativa, com vista alcançar o desenvolvimento de todas as crianças individualmente e do grupo em geral transmitindo *coerência ao desenrolar do processo educativo* (DGIDC, 2007, p. 93) . Com o decorrer da PES a intencionalidade educativa deste processo a implica que o docente seja reflexivo enquanto encorajador, de todo o processo sendo que este pressupõe diferentes etapas, como se esquematiza na Figura 4, que se encontram interligadas e posteriormente vão-se sucedendo e aprofundando.



Figura 4: Etapas da Prática de Ensino Supervisionada
Fonte: elaboração própria

De acordo com as OCEP (2007), cada uma destas etapas da PES pressupõe:

Observação

- Observar cada aluno e o grupo para conhecer as suas capacidades, interesses e dificuldades;
- Recolher informação sobre o contexto familiar e cultural;
- Conhecimento da criança e da sua evolução constitui o fundamento da diferenciação pedagógica que parte do que ela sabe e é capaz de fazer;
- A observação é a base do Planeamento e da Avaliação, constituindo o mais válido suporte da intencionalidade educativa.

Planificação

- Planear o processo educativo, a partir do que o Educador conhece é condição para proporcionar um ambiente estimulante de desenvolvimento que promova aprendizagens significativas e diversificadas;
- Implica a reflexão sobre as suas intenções educativas e as formas de as adequar ao grupo;
- Permite a previsão e a organização de recursos;
- Permite a articulação entre as diversas áreas de conteúdo;
- Permite um processo de partilha e interação do grupo facilitador da aprendizagem e do desenvolvimento.

Intervenção /Ação

- Concretizar na ação as intenções educativas, envolvendo quer o grupo quer a comunidade (pais, famílias, técnicos auxiliares, outros docentes, etc.) é uma forma de alargar as interações das crianças e enriquecer o processo educativo.

Avaliação/ Reflexão

- Avaliar o processo é tomar consciência da ação para a adequar e estabelecer a progressão das aprendizagens, bem como para melhorar os aspetos organizativos e os recursos.

2.4 Experiência de Ensino/ Aprendizagem

*As pessoas entram e saem das nossas vidas,
mas elas não vão sós,
sempre deixam um pouco de si
e levam um pouco de nós.
(Autor desconhecido)*

Considerando a anterior premissa pode constatar-se o que resultado de em ambas as PES, a receção foi boa, tendo-se observado muita disponibilidade, por parte de toda a comunidade educativa. De um modo geral, a passagem por estes dois locais, revelou-se uma mais-valia, tanto a nível pessoal como profissional. Seguidamente faz-se uma breve reflexão sobre as PES, englobando o que há a destacar em cada uma delas.

2.4.1 Pré-escolar

*Educar a criança em idade Pré-Escolar significa dar-lhes constantes oportunidades para realizarem uma aprendizagem activa. As crianças em acção desenvolvem um espírito de iniciativa, curiosidade e auto-confiança, características que lhes serão bem úteis ao longo de toda a vida.
(sem autor)*

A educação Pré-escolar encontra-se organizada por “áreas”; este termo serve para designar formas de pensar e organizar a intervenção do educador nas experiências proporcionadas às crianças (DGIDC, 2007, p. 47). De acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar (OCEP), as aprendizagens neste nível de ensino estão globalmente estruturadas pelas Áreas de Conteúdo, como se demonstra no esquema da Figura 5. São perspectivas de que o desenvolvimento e a aprendizagem são vertentes indissociáveis do processo educativo.



- Área de formação pessoal e social.
- Área da expressão e da comunicação:
Domínio das expressões motora, dramática, plástica e musical;
Domínio da Linguagem oral e abordagem à escrita;

Figura 5: Áreas de Conteúdo na educação pré-escolar
Fonte: elaboração própria

Consideram-se “áreas” de conteúdo os âmbitos de saber, com uma estrutura própria e com pertinência sociocultural, que incluem diferentes tipos de aprendizagens, não apenas conhecimentos, mas também atitudes e saber fazer. Estas supõem a realização de atividades dado que as crianças aprendem a partir da exploração do mundo que as rodeia. Tal como é habitual, quando se usa o termo “áreas”, a distinção entre diferentes áreas de conteúdo corresponde a uma chamada de atenção para aspetos a contemplar, que devem ser vistos de forma articulada, dado que a construção do saber se processa de forma integrada. Devem ser consideradas como referências a ter em conta no planeamento e avaliação de experiências e oportunidades educativas e não como compartimentos estanque. Neste sentido, ao longo da PES I e aplicando o que referem as OCEP (2007), assumiu-se um processo educativo que *encarara a criança como sujeito da aprendizagem, tendo em conta o que cada uma já sabe e a sua cultura, para lhe permitir aceder a uma cultura que se pode designar por “escolar”, pois corresponde a sistemas simbólicos- culturais codificados* (DGIDC, 2007, p. 48), assim esta cultura, ao adquirir sentido para a criança, constituirá o início da aprendizagem ao longo da vida favorecendo a sua formação e inserção.

De seguida apresentam-se as áreas em que estas aprendizagens estão organizadas e um exemplo de uma planificação (Anexo III), elaborada e aplicada na PES I, escolhida aleatoriamente.

- **Área de Formação Pessoal e Social**

Esta área está contemplada na educação Pré- escolar devido a sua importância e pertinência educativa em que as crianças têm oportunidade de participar num grupo e de iniciar a aprendizagem de atitudes e valores que lhes permitam tornar-se cidadãos solidários e críticos. Seguindo as OCEP (2007) corresponde a um processo que deverá favorecer, de acordo com as fases de desenvolvimento, a aquisição de espírito crítico, interiorização de valores espirituais, estéticos, morais e cívicos. A FPS é uma área transversal que deve promover nas crianças atitudes e valores que conduzam à sua plena integração como ser autónomo e solidário. *O desenvolvimento pessoal e social assenta na constituição de um ambiente securizante em que a criança é valorizada e escutada, o que contribui para o seu bem-estar e auto-estima* (DGIDC, 2007, p. 52). Logo favorecer a autonomia da criança assenta na aquisição do saber-fazer indispensável à sua independência enquanto oportunidade de escolha e responsabilização. A independência e autonomia passam também por uma apropriação do “espaço e do tempo” bem como pela “partilha do poder”. O desenvolvimento da identidade passa pelo reconhecimento das características individuais e pela sua compreensão, e reconhecimento de laços de pertença social e cultural, respeitando outras culturas. Estando presente diariamente em toda a rotina que envolve a educação Pré-escolar.

- **Área da expressão e da comunicação**

De acordo com as OCEP (2007) a área de Expressão e Comunicação engloba as aprendizagens relacionadas com o desenvolvimento psicomotor e simbólico que determinam a compreensão e o progressivo domínio de diferentes formas de linguagem, sendo esta a única área em que se distinguem vários domínios. Estes pretendem-se que estejam interrelacionados porque todos eles se referem à aquisição e à aprendizagem de códigos que são meios de relação com os outros, de recolha de informação e de sensibilização estética. Esta é considerada uma área básica de conteúdos porque coincide sobre aspetos fundamentais de desenvolvimento e aprendizagem, e engloba instrumentos fundamentais para a criança continuar a aprender ao longo da vida. O Educador deve partir do pressuposto de que, ao iniciar a educação Pré-Escolar, a criança já adquiriu aquisições básicas, pelo que a sua ação deve ir no sentido de proporcionar e favorecer o contacto com novas formas de expressão e comunicação: *realizando novas experiências; valorizando as descobertas, apoiando a reflexão e planeando atividades cada vez mais complexas* (DGIDC, 2007, p. 56). Logo a junção de diferentes domínios decorre da perspectiva mais globalizante que acentua a articulação entre eles. Sendo este o *domínio das*

expressões motora, dramática, plástica e musical, Domínio da Linguagem oral e abordagem à escrita e o domínio da Matemática.

O primeiro **Domínio das expressões motora, dramática, plástica e musical** engloba o domínio das diferentes formas de expressão implica diversificar as situações e experiências de aprendizagem de modo a que a criança vá dominando e utilizando o seu corpo e contactando com diferentes materiais que poderá explorar, manipular e transformar de forma a tomar consciência de si própria na relação com os outros e com os objetos (DGIDC, 2007, p. 57).

As formas de expressão de seguida abordadas são meios de comunicação que apelam para uma sensibilização estética e exigem o progressivo domínio de instrumentos e técnicas, que pressupõe a intervenção do Educador.

Expressão motora

Tendo em conta o desenvolvimento motor, a educação Pré-Escolar deve proporcionar ocasiões de exercício da motricidade global e da motricidade fina. A diversificação de formas de utilizar e sentir o corpo podem dar lugar a situações de aprendizagem. A inibição do movimento também faz parte do trabalho motor. Assim como a experimentação de várias formas de movimento permite tomar consciência dos diferentes segmentos do corpo. A manipulação, o ritmo, os sons, promovem a ligação à linguagem, à matemática à expressão musical e são ocasiões de socialização. A expressão motora permite a tomada de consciência das condições para uma vida saudável.

Expressão dramática

Na interação com os outros, em momentos de jogo simbólico, o indivíduo toma consciência de si, do outro, das reações, do poder sobre a realidade, criando situações de comunicação. O Jogo simbólico e o jogo dramático são alargados pela intervenção do Educador, através de sugestões que ampliem as propostas das crianças.

Expressão Plástica

No que se refere a esta expressão algumas crianças chegam à educação Pré-escolar com bases sólidas na produção plástica, enquanto outras ainda não dominam as técnicas plásticas, pelo que o Educador deverá estimular diferentes formas de expressão plástica, diferentes materiais, não banalizando apenas o desenho em função de outras formas gráficas. A expressão plástica é o meio de representação por excelência, que deve, contudo, ser favorecida por espaços e materiais adequados e diversificados e de qualidade. Os contactos com a expressão plástica são acessos privilegiados de acesso à arte e à cultura, ampliando o conhecimento do mundo e o desenvolvimento do sentido estético.

Expressão musical

A expressão musical *assenta num trabalho de exploração de sons e ritmos, que a criança produz e explora espontaneamente e vai aprendendo a identificar e a produzir com base num trabalho sobre os diversos aspetos que caracterizam os sons (...)* (DGIDC, 2007, p. 64). Está intimamente relacionada com a educação musical que se desenvolve em torno de cinco eixos: escutar, dançar, cantar, tocar e criar.

O segundo, Domínio da Linguagem oral e abordagem à escrita abrange, a aquisição e a aprendizagem da linguagem oral apresenta uma importância fundamental no Pré- escolar, no entanto, também a abordagem à escrita faz parte deste nível, ao proporcionar o contacto com o código escrito não se trata de uma introdução clássica e formal à leitura e à escrita, mas sim a facilitação da emergência da linguagem, escrita. Esta abordagem à escrita deve situar-se numa perspetiva de literacia enquanto competência global para a leitura no sentido de interpretação e tratamento da informação.

A valorização da língua portuguesa como matriz de identidade (e base de sustentabilidade dos ciclos seguintes) é importante, mas não deve esquecer que o respeito por línguas e culturas diferenciadas não só promove a educação intercultural, como dota as crianças com competências para o sucesso na aprendizagem de outros códigos. Assim *a atitude do educador e o ambiente que é criado devem ser facilitadores de uma familiarização com o código escrito* (DGIDC, 2007, p. 69) logo, deve proporcionar um clima de comunicação em que a linguagem, através da maneira como se fala e se exprime o educador e a restante comunidade educativa, para que assim constitua um modelo para a interação das crianças sendo este um objetivo fundamental da educação Pré-escolar. No entanto é de referir que o desenho é também uma forma de escrita, sendo esta a mais utilizada neste nível de ensino.

A capacidade de escutar, de valorizar, o interesse em comunicar, a exploração do carácter lúdico da linguagem em diferentes situações de comunicação fomenta o progressivo domínio da linguagem, bem como a apropriação das funções da linguagem. A comunicação não-verbal, os códigos simbólicos convencionais e convencionados são também formas de aprofundar a linguagem, *cabe assim ao educador proporcionar o contacto com diversos tipos de texto escrito que levam a criança a compreender a necessidade e as funções da escrita, favorecendo a emergência do código escrito* (DGIDC, 2007, p. 71)

As novas tecnologias são formas de linguagem e expressão e transmissão de saber e de cultura que pode ser potencializada na educação Pré-escolar, ao mesmo tempo que a atitude crítica face aos meios audiovisuais, e nomeadamente a televisão, pode ser iniciada por abordagens pedagógicas.

No que se refere ao terceiro *Domínio da Matemática* cabe ao educador partir das situações do quotidiano para apoiar o desenvolvimento do pensamento lógico matemático, intencionalizando momentos de consolidação e sistematização de noções matemáticas (DGIDC, 2007, p. 73). A construção de noções matemáticas fundamenta-se na vivência do espaço e do tempo, através da classificação, a seriação, a ordenação, o número, os padrões são noções básicas e princípios lógicos naturais do Pré-Escolar, que o educador deve proporcionar, e questionando para permitir a construção de noções matemáticas. Importa que o Educador proponha situações problemáticas e permita que a criança encontre as suas próprias soluções.

- **Área de Conhecimento do Mundo**

A área de Conhecimento do Mundo envolve o início das aprendizagens das diferentes ciências naturais e humanas, no sentido do desenvolvimento de competências essenciais para a estruturação de um pensamento científico cada vez mais elaborado, que permita à criança compreender, interpretar, orientar-se e integrar-se no mundo que a rodeia. A curiosidade natural das crianças e o seu desejo de saber é a manifestação da busca de compreender e dar sentido ao mundo que é própria do ser humano e que origina as formas mais elaboradas do pensamento e o desenvolvimento das ciências, das técnicas e das artes. Portanto esta área enraíza-se na curiosidade natural da criança sendo fomentada e alargada através da oportunidade de explorar e fazer novas descobertas.

O Conhecimento do Mundo deverá mobilizar e enriquecer os diferentes domínios de Expressão e Comunicação (DGIDC, 2007, p. 83) bem como a abordagem dos temas transversais da Formação Pessoal e Social, como por exemplo a Educação para a Saúde e a Educação Ambiental relacionam-se diretamente com o Conhecimento do Mundo. O Educador deve fazer a escolha criteriosamente de quais *os assuntos que merecem maior desenvolvimento, interrogando-se sobre a sua pertinência, as suas potencialidades educativas, a sua articulação com outros saberes e as possibilidades de alargar os interesses do grupo e de cada criança* (DGIDC, 2007, p. 83). De forma sintética, a sensibilização para as ciências (biologia, física/química, meteorologia, geografia, história, geologia, e outras), deve ser elaborada através de uma atitude de rigor científico (onde se inclui o método: observação, registo, construção de conceitos...) apoiada por uma atitude desenvolvimento curricular do Educador. No fundo, o fundamental são os assuntos que se relacionam com os processos de aprendizagem: *a capacidade de observar; o desejo de experimentar; a curiosidade de saber e a atitude crítica* (DGIDC, 2007, p. 85).

2.4.2 1ºCEB

*Ser professor é...
Ser professor é
Muitas vezes,
Remar contra a maré*

*É valorizar o que se vê
No olhar de uma criança
Quando nos pede: lê!*

*É olha-la e sorrir
E dar-lhe Amor
Sem ela nos pedir.*

*Ser professor é
Continuar criança
Com as crianças ao pé.
(sem autor)*

O ensino básico *consubstancia-se, de facto, no quadro de uma formação universal, porque abrangente de todos os indivíduos, alargada, por se ter estendido a nove anos de escolaridade, e homogénea, na medida em que não estabelece vias diferenciadas nem opções prematuras, susceptíveis de criar discriminações* (Ministério da Educação, 2006, p. 11). De acordo com a Organização Curricular e Programas – Ensino Básico 1º Ciclo, este nível de ensino constitui-se como a etapa da escolaridade em que se concretiza, de forma mais ampla, o princípio democrático que informa todo o sistema educativo e contribui por sua vez, decisivamente, para aprofundar a democratização da sociedade, numa perspectiva de desenvolvimento e de progresso, promovendo assim a realização individual de todos os cidadãos, em harmonia com os valores da solidariedade social, preparando-os para uma intervenção útil e responsável na comunidade. Ao longo da PES II não se descurou da existência de distintas etapas psicopedagógicas, terá que se adequar o nível de prossecução dos objetivos aos estádios de desenvolvimento dos alunos, característicos das diferentes fases. *Esta preocupação esteve presente na concepção dos planos de estudo de cada disciplina ou área disciplinar, onde já se tornou possível, por se tratar de campos de ensino-aprendizagem delimitados, definir objectivos específicos segundo três níveis articulados de progressão, sem perder de vista a linha descontinuidade que conduz às metas finais* (Ministério da Educação, 2006, p. 16).

De acordo com a Organização Curricular e Programas - Ensino Básico 1º Ciclo este apresenta completa-se com organização curricular que é apresentada na Figura 6.

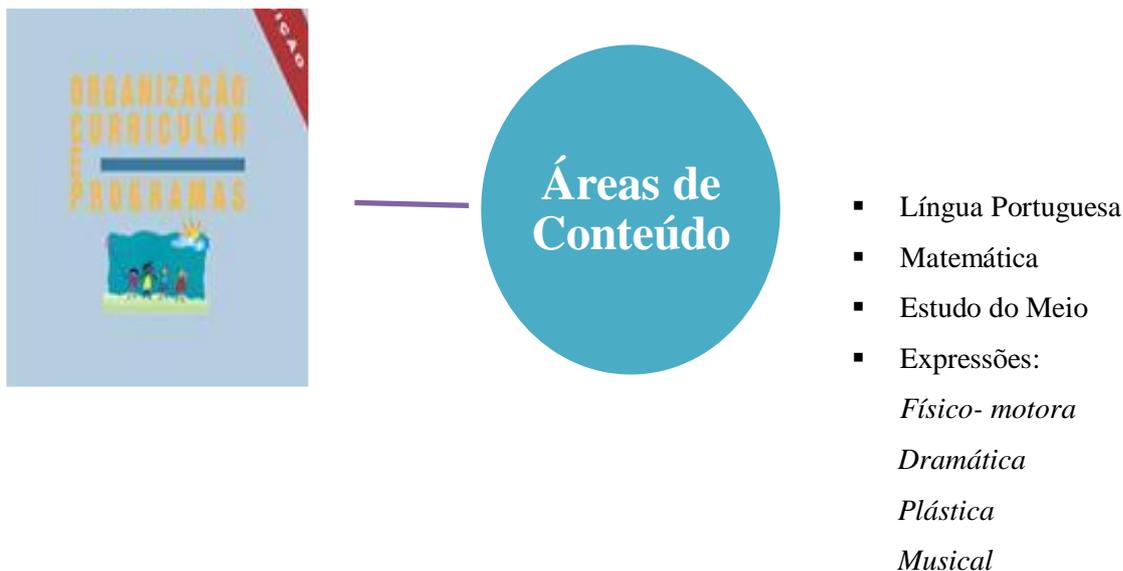


Figura 6: Áreas de Conteúdo do 1º CEB
Fonte: elaboração própria.

Estas áreas devem ser desenvolvidas em articulação entre si porque são vertentes indissociáveis de todo o processo educativo. De seguida apresenta-se os princípios orientadores de cada uma das áreas em que estas aprendizagens no 1º CEB estão organizadas e um exemplo de uma atividade planificação (Anexo IV) elaborada e aplicada na PES II, escolhida aleatoriamente.

- **Língua Portuguesa**

A Língua Materna reconhece-se *como o elemento mediador que permite a nossa identificação, a comunicação com os outros e a descoberta e compreensão do mundo que nos rodeia* (Ministério da Educação, 2006, p. 135). Neste sentido, pode afirmar-se como seguro, que a restrição da competência linguística impede a realização integral da pessoa, isola da comunicação, limita o acesso ao conhecimento, à criação e ao usufruto da cultura e reduz ou inibe a participação na prática social. Assim na disciplina de Língua portuguesa é necessário garantir que cada aluno em cada ciclo de escolaridade o desenvolvimento de cinco competências específicas: a compreensão do oral, a expressão oral, a leitura, a expressão escrita e o conhecimento explícito da língua

▪ **Matemática**

A Matemática faz parte integrante do currículo nacional do ensino básico, tendo uma presença significativa em todos os ciclos, tendo como tarefa

De acordo com Organização Curricular e Programas – Ensino Básico 1º Ciclo no âmbito desta área a tarefa principal que se impõe aos professores é conseguir que as crianças, desde cedo, aprendam a gostar de Matemática, logo caberá ao professor organizar os meios e difundir um ambiente propício à concretização do programa, de modo a que a aprendizagem seja, na sala de aula, o reflexo do dinamismo das crianças e do desafio que a própria Matemática constitui para elas. Pois só assim esta área se tornará atrativa e poderá promover nas crianças o seu espírito ativo, questionador e imaginativo como é da sua natureza. Só assim esta disciplina deixará de ser um fator de seleção para se tornar num instrumento de desenvolvimento de todos os alunos.

As grandes finalidades do ensino da Matemática do Ensino Básico são: *desenvolver a capacidade de raciocínio; desenvolver a capacidade de comunicação e desenvolver a capacidade de resolver problemas* (Ministério da Educação, 2006, p. 163).

▪ **Estudo do Meio**

A área curricular de Estudo do Meio, no currículo do 1.º Ciclo configura-se como a iniciação sistemática e integrada aos campos de conhecimento científico que permitem analisar, interpretar e compreender a realidade do mundo natural e social que enquadra as pessoas e os grupos. Pois *todas as crianças possuem um conjunto de experiências e saberes que foram acumulando ao longo da sua vida, no contacto com o meio que as rodeia. Cabe à escola valorizar, reforçar, ampliar e iniciar a sistematização dessas experiências e saberes, de modo a permitir, aos alunos, a realização de aprendizagens posteriores mais complexas.* Esta abordagem implica a passagem de um olhar de senso comum para a aquisição e organização de conceitos e conteúdos básicos, bem como métodos de observação directa e indirecta, de experimentação e de interpretação de fontes, que permitam uma compreensão cientificamente válida e fundamentada, ainda que num nível inicial, de acordo com as dimensões do conhecimento a adquirir. Constitui-se como uma aprendizagem estruturante quer da inserção da criança no universo social e natural a que pertence, quer no desenvolvimento científico futuro dos vários domínios de conhecimento relativos à realidade social e natural. No que se refere ao papel do professor este deve assumir a orientação de todo este processo, constituindo, também, ele próprio, mais uma fonte de informação em conjunto com os outros recursos da comunidade, os livros, os meios de comunicação social e toda uma série de materiais e documentação indispensáveis na sala. Para que *Os alunos serão ajudados a aprender a organizar a*

informação e a estruturá-la de forma que ela se constitua em conhecimento, facilitando o professor, de seguida, a sua comunicação e partilha (Ministério da Educação, 2006, p. 102).

▪ **Expressões:**

A área das Expressões no 1.º Ciclo, encontra-se dividida por quatro áreas, no entanto cada uma delas mantém a sua especificidade própria, mas organizam-se de forma integrada sob a designação genérica de Expressões Artísticas, sendo da responsabilidade do professor generalista. Pretende-se, assim, garantir a articulação horizontal interdisciplinar que caracteriza o currículo deste nível de ensino, assegurando, em simultâneo, a articulação vertical quer com a Educação Pré-Escolar, quer com os subsequentes ciclos do Ensino Básico. Para esta articulação sequencial pode contribuir, ainda, a coadjuvação de professores especialistas das diferentes áreas artísticas.

Físico- motora

A atividade física educativa oferece aos alunos experiências concretas, necessárias às abstrações e operações cognitivas inscritas nos Programas doutras Áreas, preparando os alunos para a sua abordagem ou aplicação. Estas evidências justificam a importância crucial desta Área, no 1.º Ciclo, como componente intransferível da Educação, *como se sabe, os períodos críticos das qualidades físicas e das aprendizagens psicomotoras fundamentais situam-se até ao final do 1.º Ciclo. A falta de atividade apropriada traduz-se em carências frequentemente irremediáveis* (Ministério da Educação, 2006, p. 35)

No entanto, o desenvolvimento físico da criança atinge estádios qualitativos que precedem o desenvolvimento cognitivo e social. Assim de acordo com Organização Curricular e Programas – Ensino Básico 1º Ciclo a atividade física educativa deve permitir aos alunos experiências concretas, necessárias às abstrações e operações cognitivas inscritas nos Programas doutras Áreas, preparando os alunos para a sua abordagem ou aplicação, assim estas *evidências justificam a importância crucial desta Área, no 1.º Ciclo, como componente inalienável da Educação.*

Dramática

A expressão dramática são atividades *de exploração do corpo, da voz, do espaço, de objetos, são momentos de enriquecimento das experiências que as crianças, espontaneamente, fazem nos seus jogos* (Ministério da Educação, 2006, p. 77). A exploração desta expressão deve ser através de situações imaginárias, partindo de temas sugeridos pelos alunos ou propostos pelo

professor, o que vai dar oportunidade a que a criança, pela vivência de diferentes papéis, se reconheça melhor e entenda melhor o outro.

Os jogos dramáticos permitem ao aluno desenvolver progressivamente todas as possibilidades expressivas do corpo — *unindo a intencionalidade do gesto e/ou a palavra, à expressão, de um sentimento, ideia ou emoção* (Ministério da Educação, 2006, p. 77).

A prática dos jogos dramáticos as crianças devem possibilitar às crianças desenvolver ações ligadas a uma história ou a uma personagem que as colocam perante problemas a resolver: *problemas de observação, de equilíbrio, de controlo emocional, de afirmação individual, de integração no grupo, de desenvolvimento de uma ideia, de progressão na acção* (Ministério da Educação, 2006, p. 77). Logo o professor deve adequar as atividades de acordo com o nível etário dos seus alunos, evitando a excessiva repetição e ensaio em função de representações ou o desenvolvimento de gestos e posturas estereotipadas, ou seja, pretende-se, essencialmente, que as crianças experimentem, através de diferentes meios, expressar a sua sensibilidade e desenvolver o seu imaginário.

Plástica

A expressão plástica é *manipulação e experiência com os materiais, com as formas e com as cores permite que, a partir de descobertas sensoriais, as crianças desenvolvam formas pessoais de expressar o seu mundo interior e de representar a realidade* (Ministério da Educação, 2006, p. 89). Esta área deve ser trabalhada através da exploração livre dos meios de expressão gráfica e plástica não só contribui para despertar a imaginação e a criatividade dos alunos, assim como lhes possibilita o desenvolvimento da destreza manual e a descoberta e organização progressiva de volumes e superfícies. Também deve ter-se em atenção a possibilidade de a criança se exprimir de forma pessoal e o prazer que manifesta nas múltiplas experiências que vai realizando, estas são mais importantes do que as apreciações feitas segundo moldes estereotipados ou de representação realista. A prática desta expressão normalmente é feita na sala de aula no entanto, o contacto com a natureza, o conhecimento da região, as visitas a exposições e a artesãos locais, são outras tantas oportunidades de enriquecer e alargar a experiência dos alunos e desenvolver a sua sensibilidade estética.

Musical

A expressão musical no 1º CEB baseia-se na prática do canto, *é uma atividade de síntese na qual se vivem momentos de profunda riqueza e bem-estar, sendo a voz o instrumento primeiro que as crianças vão explorando* (Ministério da Educação, 2006, p. 67). Esta expressão é explorada através do corpo em movimento, de uma forma espontânea ou nos jogos de roda e

nas danças, são formas mais organizadas do movimento permite às crianças desenvolver múltiplas potencialidades musicais. Também a utilização dos instrumentos, que são *entendidos como prolongamento do corpo, são o complemento necessário para o enriquecimento dos meios de que a criança se pode servir nas suas experiências, permitindo, ainda, conhecer os segredos da produção sonora* (Ministério da Educação, 2006, p. 67).

A sua exploração deve ser feita através da experimentação e domínio progressivo das possibilidades do corpo e da voz deverão ser feitos, promovendo atividades lúdicas, que proporcionam o enriquecimento das vivências sonoro-musicais das crianças, também a participação *em projectos pessoais ou de grupo permitirá à criança desenvolver, de forma pessoal, as suas capacidades expressivas e criativas* (Ministério da Educação, 2006, p. 67).

2.5 Reflexão e autoavaliação da PES

Chegado o fim desta caminhada, pode afirmar-se:

Ninguém começa a ser educador numa certa terça-feira às quatro horas da tarde. Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente que se faz educador, a gente se forma, como educador, permanentemente, na prática e na reflexão sobre a prática
(sem autor)

Estas sábias e concisas palavras, presentes na afirmação do filósofo brasileiro Paulo Freire, traduzem que à prática de um educador /professor deverá estar sempre intrínseca a competência reflexiva, dada a sua responsabilidade enquanto formador e orientador de crianças que se assumem como futuros cidadãos de uma sociedade que, cada vez, mais, os vê como seres ativos e até mesmo como impulsionadores de grandes transformações. Neste sentido, ao refletir sobre a prática pedagógica, depreende-se que deste processo resultou um percurso evolutivo, tanto a nível pessoal como profissional, contribuindo gradualmente, para a aquisição de competências e a para a abertura de perspectivas criativas, colocando em prática a teoria consultada, interpretando-a e personalizando-a, de acordo com as realidades dos contextos vividos nas valências de Educação Pré- Escolar e de 1º CEB: instituições, comunidades e grupo/turma. Logo através das experiências deste percurso profissionalizante, foram várias as competências adquiridas, inicialmente propostas, que permitiram o alcance de objetivos e uma

consequente evolução na gestão autónoma da atuação em circunstâncias educativas que será crucial para um futuro enquanto profissional.

Primordialmente existiu um agrupamento de todas as perspetivas inerentes à Educação Pré-escolar e ao 1º CEB, o que através de um confronto de autores e opiniões, resultou uma fundamentação teórica concordante com a caracterização dos grupos e dos contextos educativos em que estes se inserem, realizada através leitura e da caracterização dos documentos que permitem autonomia e gestão da escola e do grupo/turma, sendo estes: projeto educativo, regulamento interno, o plano anual de atividades e o projeto curricular de grupo/turma. Esta caracterização permitiu a compreensão de um conjunto de intenções e interesses inerentes ao funcionamento de ambas as instituições educativas, possibilitado refletir sobre as práticas pedagógicas executadas e questionar sobre quais as modalidades de trabalho que melhor se ajustariam ao grupo/ turma em questão. No entanto, de todas as estratégias e metodologias utilizadas foram as mais importantes e pertinentes para trabalhar com as crianças/alunos em questão. Em ambas foi enfatizada a aquisição de valores por parte das crianças, nomeadamente espírito cooperativo. Na fase inicial de ambas as PES I E II predominava o sentimento de medo, o medo de não conseguir, o medo de falhar, o medo de não saber fazer. Contudo rapidamente esses medos foram colmatados com a ajuda de várias pessoas acompanharam esta caminhada, tais como as professoras orientadoras, as professoras cooperantes e as crianças/alunos do grupo/turma. Pois, por mais que os medos existam é a enfrentá-los que conseguimos desprender-nos deles e foi com este espírito foram superados. Ao olhar para trás, penso que, estágio, todos os objetivos que estipulados foram atingidos e as dificuldades colmatadas. Tomando, em consideração as sensatas palavras de (Lemos & Carvalho, 2002) quando afirma:

Em cada dia, a sombra das suas vivências pessoais, os acontecimentos que antecedem cada aula, os encontros e desencontros que tiveram, os sentimentos que experimentaram e que, por enquanto, lhes comandam o pensamento, os sonhos que os empurram ou os vazios que os deixam imóveis, sem saber que direcção tomar, tudo isto está lá como pano de fundo de cada aula, a servir de filtro para a aproximação entre eles e o professor, entre eles e o saber, entre eles e eles (p.67).

Neste contexto, a prática supervisionada é uma parte importante, do currículo na formação do futuro educador/professor porque é a oportunidade de experimentar e realizar, na prática, o conhecimento teórico adquirido no decorrer da sua formação académica. Como foi referido, apesar de existir apreensão e ansiedade no início deste processo devido à pouca experiência e à responsabilidade de realizar um bom trabalho, a integração com os professores e

principalmente com os alunos possibilitou o bom desenvolvimento deste estágio. Esta foi uma experiência e uma oportunidade de aprofundar os conhecimentos adquiridos ao longo de todo percurso acadêmico. No entanto apesar de os objetivos foram cumpridos ocorreram, “pequenos erros” que foram sendo colmatados e também fazem parte do processo de aprendizagem. Teoricamente e parafraseando novamente Paulo freire, toda a evolução descrita anteriormente assentou, na capacidade adquirida enquanto profissional reflexivo, ou seja, estes “erros” foram detetados e deliberados na etapa da reflexão no final de cada prática. Também foi notória a gradual evolução dessas reflexões, uma vez que contrariamente às reflexões iniciais, que baseavam sobretudo em meras descrições, ao longo do tempo, estas foram ganhando uma fluente articulação da teoria com a prática assim como a reflexão final da PES.

No que se refere “relações criadas” durante a PES, em relação às professoras cooperantes foi de colaboração, compreensão, cooperação, foi essencialmente relações de amizade, companheirismo, uma ajuda preciosa em todo este processo. No que concerne aos alunos a relação foi de amizade, de respeito e de reflexão nos momentos necessários, assim sendo é pertinente demonstrar agradecimento dos maravilhosos 6 meses (PES I e II) que crianças/alunos proporcionaram, pois apesar de serem uns meses muito trabalhosos, também se tornaram inesquecíveis e muito especiais, por terem sido as crianças/ alunos que foram, um grupo/turma caracterizada pelo dinamismo e alegria, deixando transparecer o seu lado mais ingênuo de criança. Como alude a música Chuva da fadista Mariza “há gente que fica na história da história gente” e estas crianças de algum modo vão ser, sem dúvida, aquelas que marcaram a história de um início de uma carreira profissional, pois foi com eles que foi dado o primeiro passo da prática em ambos os contextos e foi com eles que se aprendeu o que há de melhor em ser educador/professor.

A PES incidiu numa busca incansável de respostas a dúvidas/ questões que foram surgindo a um ritmo praticamente diário, tendo sido com base nessa constante investigação que se criou uma linha evolutiva verificando-se assim que o crescimento atingido assentou efetivamente em experiências positivas, bem como em vivências onde muitas vezes se encontravam barreiras e inquietações.

Em suma nesta reflexão e auto- avaliação final da PES há que referenciar que, após a comparação teórica e prática de ambas as PES, porque de acordo com Maria Carvalho (2012) o “público” continua a ser constituído por crianças, mesmo que em estádios de desenvolvimento diferentes, a missão do profissional generalista deverá assentar na recolha de potencialidades de ambas as profissões minimizando as limitações que as caracterizam e, com elas, este deve “desenhar” uma escola diversa e democraticamente colorida, que receba, acarinhe e oriente as crianças para caminhos compostos por obstáculos reais, sendo a sua autónoma ultrapassagem

que as levará a ser seres humanos ativos, críticos, competentes, cooperativos, mas acima de tudo, felizes.

Capítulo III

O Jornal Escolar como ferramenta pedagógica

Neste capítulo é descrita a análise documental sobre o tema “o jornal como ferramenta pedagógica”, que envolveu uma vasta pesquisa bibliográfica para contextualizar e compreender a sua importância como ferramenta pedagógica, um estudo empírico de natureza qualitativa onde se identificam e analisam as publicações distinguidas no Concurso Nacional de Jornais Escolares e uma proposta para um Jornal Mural para o 1º CEB.

3.1 Introdução

Nos dias de hoje e por diversas razões, os meios de comunicação exercem uma poderosa influência na nossa cultura, pois refletem, recriam e difundem o que se torna importante socialmente, tanto ao nível dos acontecimentos (processo de informação) como do imaginário (são os grandes contadores de histórias, atualmente, através de novelas, séries).

Neste sentido, os meios de comunicação desempenham também um papel importante no processo educativo, transformando-se, na prática, numa segunda escola, paralela à convencional, ou seja, os meios de comunicação são processos eficientes de educação informal porque ensinam de forma atraente e voluntária, a observar, julgar e agir tanto individual como coletivamente. Neles predomina a função lúdica e de entretenimento e são um complemento para a compreensão do mundo e das atitudes.

Os meios de comunicação podem ser utilizados de diversas maneiras, como motivação do conteúdo de ensino, como ponto de partida mais dinâmico e interessante diante de um novo assunto a ser estudado. Podem apresentar o próprio conteúdo de ensino, bem como ser, eles próprios, objeto de análise e de conhecimento. A escola pode combinar as produções escritas convencionais com as novas produções audiovisuais, principalmente em vídeo, que capacitam o aluno a expressar-se de forma mais viva e completa. Cabe à escola preocupar-se não só com os meios de comunicação, mas também com a comunicação como um processo mais amplo, tanto dentro da sala de aula como nas relações entre direção, professores, alunos e funcionários, procurando desenvolver processos de comunicação menos autoritários e mais participativos.

A escola necessita, no seu Projeto Educativo, ter em consideração os meios de comunicação e a comunicação como parte importante no processo educativo integral do novo aluno/cidadão, visando construir uma sociedade mais democrática⁷.

⁷ Adaptado de http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/c_ideias_09_021_a_028.pdf

Considerando o que foi referido, ao longo da PES II verificou-se a inexistência de um jornal na Escola Básica de Bonfim, suscitando assim, o interesse e motivação para a questão: qual a relevância do jornal escolar como ferramenta pedagógica?

3.2 O jornal escolar

Santos & Pinto mencionam que *o jornal escolar não é um fim em si mesmo, mas um dos meios possíveis para o desenvolvimento de uma dinâmica geral na escola* (1992, p.5), logo esta dinâmica deve, em primeiro lugar, *assentar numa atitude de rutura com práticas pedagógicas rotineiras* (id, ibd, p.5).

O jornal escolar não se apoia só no conhecimento da imprensa escrita, mas também, na sua própria natureza, onde se abordam um amplo leque de assuntos, com diversidade de textos, sendo um dos instrumentos ideais da interdisciplinaridade.

Pelo fato de ser um veículo que tem como material a palavra, considera-se, de um modo geral, que cabe ao professor de português a tarefa de organizar o jornal, no entanto a variedade de assuntos que deve aborda transforma-o num instrumento de participação de todos os professores, num trabalho coletivo que deve envolver também os alunos, funcionários da escola, pais e restante comunidade.

No que diz respeito à comunidade, cabe ao jornal escolar envolvê-la na sua produção, procurando a colaboração ativa dos pais, dos alunos na escolha de assuntos a serem abordados e na elaboração de textos, no tratamento de problemas em torno da escola, do país e do que possa interessar diretamente à comunidade, de forma a que esta colaboração seja um meio dinâmico de ligar a escola à comunidade.

No que se refere à escola, o jornal escolar pode desenvolver a comunicação interna da instituição, entre professores, alunos e funcionários, sendo um veículo para destacar problemas e reforçar a identidade escolar.

Em relação aos professores permite estabelecer meios de contacto entre os responsáveis pelo processo educativo, além de promover a interdisciplinaridade e a rutura das práticas pedagógicas habituais. O jornal escolar possibilita a redefinição do papel do professor e educador e os seus métodos de ensino e implica a prática do trabalho em grupo, para a qual é necessária uma aprendizagem específica de diferentes maneiras de realização. Assim, com a renovação das práticas pedagógicas e o bom desenvolvimento do trabalho em grupo, o jornal escolar pode criar novas formas de relacionamento entre professores e alunos. Finalmente, para elaborá-lo, professores e alunos devem aprofundar o conhecimento que têm desse veículo de informação e, particularmente conhecer a especificidade da sua organização e das suas

diferentes linguagens. Tal trabalho, não cabe só ao professor de português, como aos restantes professores, independentemente das suas áreas, pois o jornal é produção de diferentes especialidades: do editorial à reportagem e aos classificados, o jornal necessita de textos ligados à matemática, à economia, à história e à geografia, às artes em geral, ao desporto e a tudo que está ligado ao lazer, à publicidade, aos serviços prestados ao público (Santos & Pinto, 1992).

Deste modo, os alunos terão no jornal um espaço para comunicar e a expressar os seus assuntos. Logo, este meio de comunicação incentiva à expressão livre da palavra do aluno, à descoberta da própria identidade, valorizando a sua autonomia, sobretudo incentiva-o a intervir na realidade, a aprender a ler criticamente o jornal, pois para o produzir é preciso aprender a diferença entre opinião e notícia, promovendo o hábito da pesquisa e da comparação de diferentes fontes para traduzi-las no texto, fomentando assim o espírito crítico. Por fim, o jornal escolar leva os alunos a aprender realmente a trabalhar em equipa. Como refere (Santos & Pinto, 1992)

O jornal escolar, juntamente com outras formas e canais de expressão, pode ser um espaço importante de os alunos tomarem a palavra e darem a conhecer o que acham significativo ou que precisam; tornarem públicas as suas inquietações e os seus sonhos; trazerem ao debate os assuntos quentes; desenvolverem as distintas linguagens gráficas; expressarem as suas capacidades e os seus gostos; exercessem a crítica e a sugestão. Ao fazê-lo, não são apenas os conteúdos que adquirem importância, mas igualmente os processos e as aprendizagens essenciais que a prática do jornalismo escolar possibilita (p.7).

O uso do jornal escolar teve como principal impulsionador Célestin Freinet. Mas foi Decroly que o antecedeu e inspirou, com a experiência que lançou na Bélgica, logo após a primeira Guerra Mundial (1914-1918), com o “Correio da Escola”, impresso no próprio estabelecimento de Ensino, como nos refere Freinet.

Nascido nos fins do século XIX, o educador francês Freinet incentivou, enquanto professor do ensino primário, a produção de jornais escolares. Foi o pedagogo que melhor explorou as inúmeras potencialidades da utilização do jornal na escola. Centrou a sua intervenção pedagógica na pessoa que é cada aluno, promoveu os valores da expressão-comunicação e da autonomia; concedeu uma enorme importância à responsabilização e à cooperação; e por último mas não menos importante, foi ao encontro da experiência vivida dos alunos e à vida comunitária.

Na introdução do seu livro *O jornal escolar* (Freinet, 1974), este educador francês faz uma espécie de prognóstico sobre o obsoletismo dos métodos de ensino utilizados até então e alerta para a necessidade de atualização de tais métodos, adequando-os aos novos tempos e às novas demandas, frisando a resistência que tais mudanças provocam algumas dificuldades para implementá-las (Freinet, 1974):

A técnica dos manuais, dos deveres e das lições, está hoje ultrapassada, como o foi a técnica do manuscrito e da pena de pato. Porém, os velhos hábitos, inscritos no modo de vida e na tradição, obstinam-se em sobreviver (...) Em educação, a revolução é ainda mais lenta e laboriosa do que nas outras técnicas de trabalho; as pessoas têm tendência em impor às gerações que se lhes seguem os mesmos métodos que as formaram, ou deformaram. A cultura tradicional continua obstinadamente baseada num passado caduco e trava as forças inovadoras que dinamizam o avanço (p.12).

Acreditando que a modernização escolar deveria passar, necessariamente, por uma mudança não só de paradigmas, mas também dos próprios métodos e utensílios de trabalho escolar, Freinet (1974) propõe, ao lado dos pedagogos pertencentes à chamada Escola Moderna da qual é precursor, um novo método de ensino baseado em alguns pilares, dentre dos quais se destacam o *texto livre* – “expressão natural inicial da vida infantil” – e “a observação e a experiência como fundamentos indispensáveis das aquisições de conhecimento”. E, para viabilizar tal método, propõe o jornal escolar como “utensílio de trabalho” capaz de promover a “motivação superior” para alimentar a expressão livre, a observação e a experiência. Ao defender o jornal escolar como técnica de ensino, Freinet faz referência a outro aspeto que tem sido, até hoje, objeto de crítica de educadores e estudiosos da linguagem: o facto de a redação escolar ser um texto artificial, sem sentido e com nenhum propósito além do de ser avaliado. Freinet (1974) afirma que:

Se numa aula a redação não serve senão para ser corrigida e classificada pelo professor, se este está persuadido de que a criança não sabe pensar pela sua cabeça nem é capaz de criar e que precisa de se alimentar das riquezas do professor, este receberá sempre “os deveres”, mas nunca terá “obras” suscetíveis de serem o testemunho de uma personalidade (p.21).

Nesse sentido, a utilização do texto livre pode ser considerada de extrema importância na medida em que satisfaz uma necessidade da criança em expressar e exteriorizar seus sentimentos e pensamentos a outrem, pois

os nossos textos livres não são apenas produções espontâneas. Existem em função da vida da classe, dos pedidos dos correspondentes, da preocupação que devemos ter em fazer um jornal que interesse os leitores, infantis ou adultos. Estamos perante uma realização social que ultrapassa o quadro estrito dos textos livres (Freinet, 1974, p. 40)

Deste modo a utilização do texto livre não é algo gratuito ou sem objetivos, não se escreve qualquer coisa, devendo trabalhar-se algo que possa interessar aos amigos, familiares e correspondentes, num contexto educativo. De acordo com a perspectiva e experiências de Freinet com seus alunos, o texto que era impresso para o jornal, escolhido por votação e ficava a cargo de todos fazerem as devidas correções, não poderia ter erros no momento da impressão, na medida em que as frases eram estruturadas letra por letra, pertencendo ao professor de Língua Portuguesa a última palavra acerca das modificações. Todas as etapas da impressão e acabamento do jornal eram discutidas no grupo, com posteriores divisões de tarefas. De tal modo, as atividades sempre baseadas na cooperação, acabavam resultando num produto de todos, cada qual assumindo suas responsabilidades e deveres. Nas palavras de Freinet (1974):

A criança que compõe um texto sente-o nascer enquanto trabalha; dá-lhe uma nova vida, torna-o seu. Deixa de haver um intermediário no processo que vai do pensamento balbuciado e depois expresso ao jornal que será mandado pelo correio para os correspondentes. Controla todas as etapas: escrita, aperfeiçoamento colectivo, composição tipográfica, ilustração, disposição sob a prensa, tintagem, tiragem, agrupamento,agrafagem. É precisamente esta continuidade artesanal que constitui o essencial do alcance pedagógico da Imprensa na Escola. Permite corrigir o que há de irracional, em educação, na crença de que os outros podem criar em nosso lugar a nossa própria cultura” (p.51)

A criança reconhece o jornal como produto de seu próprio trabalho e que será apreciado por outros. A correspondência interescolar e o jornal favorecem para que o texto livre não fique cansativo e com fim em si próprio, não esquecendo que essas técnicas são alicerçadas num princípio de concepção pedagógico formando uma totalidade. Nesse sentido, é preciso que o professor fique atento para que a produção do jornal escolar não seja direcionada apenas para

uma boa apresentação nos moldes dos jornais dos adultos, com imposição de normas de trabalhos aos alunos e atividades que acabam por se afastar dos princípios Freinetianos.

Freinet (1974) fez questão de salguardar que o jornal escolar não deve ser uma mera imitação nem substituto dos “jornais dos adultos”, mas sim uma produção original, com suas normas e leis próprias, ainda que com suas eventuais imperfeições. Para tal, enumerou algumas regras que devem orientar sua produção:

- a) o jornal deve ser bem impresso;
- b) o texto deve ser ajustado, com simetria de linhas;
- c) é preciso cuidado com a composição de cada página;
- d) o texto deve estar livre de incorreções ortográficas e gramaticais;
- e) o jornal deve ser ilustrado. (pp. 47-48)

Em suma, no que se refere ao conteúdo, alerta que o ponto de partida não são os desejos, o pensamento ou a ordem dos adultos, mas os verdadeiros interesses dos alunos, ou seja, a importância de se tomar como ponto de partida as práticas sociais dos próprios alunos, escritores e produtores do jornal escolar, como substrato para a elaboração dos textos a serem publicados no mesmo. Em vez de considerar como nulos os hábitos de vida e os costumes que, no entanto, são determinantes em todo o comportamento social, o método Freinet, parte justamente da realidade de cada aluno, das suas histórias, suas vivências e as suas experiências é que irão inspirar toda a produção escolar, em especial, a produção do jornal.

3.3 A importância das ferramentas pedagógicas/ didáticas

No que concerne ao jornal escolar como uma ferramenta pedagógica, as sua utilização é fundamental e são inúmeras as vantagens que a caracterizam como “utensílio” em contexto de trabalho escolar. Freinet faz questão de destacar a sua preocupação com a formação humana e cidadã, lembrando que o jornal não deve estar a serviço de uma pedagogia escolástica que lhe diminuiria o alcance. Freinet refere que *para além destes embriões de noções científicas e de aquisições – que todavia não desprezamos – pensamos influir de uma forma determinante sobre a formação profunda dos indivíduos, sobre a sua capacidade geral de melhor cumprir a sua função de homens e cidadãos*” (Freinet, 1974, p. 78)

Segundo o autor, a preparação dos futuros cidadãos é feita a todo tempo no processo de elaboração do jornal escolar: pela preparação individual e coletiva de cada página, pelo voto regular que decide da escolha dos textos, pela organização cooperativa necessária ao trabalho e pela redação e difusão do jornal.

A utilização do jornal escolar torna-se ainda mais necessária e eficaz por aqueles alunos que não respondem ao ensino tradicional, especialmente quando se tem uma imposição de uma cultura dominante, que não corresponde à realidade da criança. A elaboração do jornal escolar favorece a valorização da cultura do aluno, dos seus hábitos, costumes, sobretudo, o meio no qual vive, além de perceber e compreender a existência de diferenças socioculturais, sendo que *através da espontaneidade, da sensibilidade, da alegria de viver, expressos nos numerosos textos, pode-se sentir o afloramento natural da psique da criança* (Sampaio, 1989, p. 50)

Através do jornal escolar e de todas as outras técnicas baseadas na livre expressão, Freinet colaborou fortemente para a aprendizagem da língua materna, através de um “método natural de leitura e escrita”. Um método sem grandes dificuldades e obstáculos como os colocados pelo ensino tradicional, com suas infundáveis cópias e memorização de conteúdos, mas, em vez disso, despertando o interesse pela busca do conhecimento e gosto pelo trabalho. Mesmo as crianças que ainda não sabem escrever já se expressam, contam sua vida e participam na produção do jornal. Deste modo, as técnicas Freinet acabam por promover uma harmonização entre a vida escolar e familiar e não são mais encaradas como algo dicotômico no qual a educação, as regras e normas da escola vão de encontro com as da família. O jornal escolar acaba por ser um suporte entre a escola e a comunidade.

Ao contrário do que se possa pensar, Freinet defendia a importância e a necessidade da disciplina e autoridade do professor para o sucesso do processo educativo. Entretanto eram encaradas de outra forma, pois as utilizações das técnicas propostas na sua totalidade e o clima cooperativo favoreciam uma harmonia no grupo e a organização das atividades, com novos espaços e novos tempos na escola. Esses trabalhos auxiliam no desenvolvimento do sentido crítico do aluno, desmistificando certas ideias enraizadas no imaginário social de que tudo o que é escrito no jornal só pode ser verdade e a maioria dos leitores acaba por criticar e refletir sobre algo que foi escrito por intelectuais ou pessoas com estudos.

É de referir as inúmeras potencialidades de utilizar o jornal escolar como recurso didático, no entanto, realço duas: a primeira é a promoção da função social da escrita, a partir das práticas sociais dos próprios alunos, fugindo, assim, à enraizada tradição do ensino da escrita de uma forma descontextualizada, vazia, mecanizada, em que o aluno escreve apenas para a avaliação do examinador. Nessa perspectiva, o aluno escreve sobre assuntos que lhe interessam e/ou dizem respeito, sabendo que seu texto será muito mais do que um conjunto de palavras submetido à correção, pois será, efetivamente, lido por outros alunos, como ele, e por outras pessoas, que não apenas o professor. Nesse sentido, (Bazerman, 2006, p. 18) aponta que *se colegas, família e amigos constituem a audiência, a escrita constrói identidade, relações e compreensão mútua*. A segunda é que ao partir das práticas sociais dos alunos, o grau de

envolvimento e interesse dos alunos é bastante ampliado. Numa abordagem internacional e social do gênero, ou seja, o fato de trazer a escrita jornalística para a escola permite o contacto com mais tipos de escrita e que este se tornem significativos para os alunos (Bazerman, 2006). Paralelamente, esse tipo de escrita estimula a atividade social, transforma-o numa ação social, e assim em uma ferramenta. Bazerman (2006) afirma:

Uma visão social da escrita (...) pode nos ajudar a desenvolver uma pedagogia que ensine aos alunos que gêneros não são somente formas textuais, mas também formas de vida e de ação. Eles [os alunos] encontrarão sua agência não na concorrência com os textos autoritários da escola, mas na contribuição para o diálogo da sala de aula, na promoção de projetos locais, no engajamento da vida de suas comunidades. Assim, os alunos verão não somente sua escrita influenciando pessoas e projetos que os cercam, mas serão motivados a buscar mais recursos para serem ainda mais efetivos (...) O truque na sala de aula é tornar viva aquela agência para os alunos, para que eles percebam que a escrita é uma poderosa ferramenta para a formação e o desempenho de intenções em todas as esferas de atividade (p.19).

Além desses dois fatores, salienta-se outro ponto importante: a possibilidade que o jornal escolar oferecer, enquanto recurso, o envolvimento de toda a comunidade escolar assim como promover o trabalho em equipa, esta é, por sinal, uma das suas grandes vantagens pedagógicas. De acordo com Freinet (Freinet, 1974) a:

capacidade do jornal em materializar o esforço tanto do professor quanto do aluno e de tornar o produto desse esforço conhecido dos leitores, podendo vir mesmo a ultrapassar os meios escolares e alcançar outros meios sociais. Isso revela também a potencialidade desse recurso didático em fomentar a agência dos alunos para atuarem não apenas dentro da escola, mas até mesmo além dela (p.79).

O mundo contemporâneo é marcado pelo surgimento acelerado das novas tecnologias da informação e comunicação, que provocam mudanças extraordinárias desde da maneira de nos comunicarmos, de estudarmos, trabalharmos, pensarmos e decidimos. Tal como afirma (Sancho, 1998, p. 47) *a interação entre indivíduo e tecnologia transformou de maneira profunda o indivíduo e o mundo.*

O papel da escola em relação à sociedade da informação, surge como espaço natural de ensino e convivência com a cultura da informática e da informação e algumas vezes como suporte para o conteúdo previsto no currículo formal, outras como atividade alternativa ao dia-a-dia escolar ou até mesmo, como protagonistas da atividade educacional, logo é pertinente a iniciativa dos professores para a aplicação da tecnologia em sala de aula. *Nesta era da informação e comunicação, que se quer também era do conhecimento, a escola não detém o monopólio do saber. O professor não é o único transmissor do saber e tem de aceitar situar-se nas suas novas circunstâncias que, por sinal, são bem mais exigentes* (Alarcão, 2007, p. 15)

Neste sentido, ao integrar as novas tecnologias na prática pedagógica, pretende-se superar obstáculos administrativos e pedagógicos, permitindo assim ao docente um maior domínio da tecnologia, sabendo intervir com segurança na relação aluno computador, criando condições favoráveis para construção do conhecimento. Ao longo deste capítulo salienta-se a necessidade e a importância que os meios de comunicação têm nas escolas nos dias de hoje e, tendo em consideração o que foi acima referido, este trabalho direciona-se mais precisamente para o jornal escolar como uma ferramenta pedagógica.

Os jornais, tanto os impressos como os digitais, constituem um instrumento de fácil acesso, atraente, de grande atualidade e com vasto leque de assuntos. O professor tem nos jornais um meio para vitalizar os conteúdos escolares relevantes, pois o ato de ler continuará sendo um meio de assimilação de conhecimentos e ampliação de horizontes. Com a influência e a evolução da tecnologia, surgem os jornais online, que podem ser visualizados a qualquer momento, facilitando no computador o acesso a uma série de fontes. Neste sentido, caberá a cada um fazer uma busca crítica sobre o que melhor se enquadra para a construção do conhecimento. Mas, mesmo diante do indiscutível valor do uso dos jornais em sala de aula, apontado por diversos autores, ainda há uma parcela significativa de professores que não os emprega nas suas práticas docentes.

Como refere (Ferreira, 2007), a forma como os jornais são trabalhados por alguns professores condicionam os alunos nas suas pesquisas e na forma de encarar o contributo do jornal que, por vezes, se resume a atividades mecânicas, limitando os alunos a recortes de textos, gravuras, espalham na cartolina e colam. As informações selecionadas, em sua grande maioria, não são lidas pelos alunos, não são comentados pelos professores, nem com os outros alunos da sala para gerar uma discussão prévia e introduzir um conteúdo escolar. Fica evidente que a leitura, o entendimento e compreensão dos textos selecionados não fazem parte das práticas educativas de muitos professores, apesar de reconhecerem no jornal uma fonte rica de informação. Os jornais digitais, apesar do acesso facilitado pela Internet, muitos professores não o utilizam em sala de aula porque as escolas não oferecerem este recurso, o que dificulta seu uso

em sala de aula. Evidencia-se que o jornal impresso e, principalmente, o *online* ainda são pouco explorados pelos professores.

De acordo com (Pastorello, 2005), este fato é uma lacuna, pois o professor pode apresentar ao aluno a linguagem dirigida pelos jornais, para que ele se aproprie dela no seu processo de desenvolvimento e de assimilação da sua cultura e do seu meio. Os jornais trazem as contradições presentes no contexto histórico-social em que o aluno vive, e por meio delas os signos verbais tomam forma e conteúdo, possibilitando o diálogo entre as classes sociais. Logo, a sua não utilização é desprender o aluno de seu contexto histórico-cultural, detendo o desenvolvimento de habilidades que favorecem a apropriação crítica do conhecimento social e historicamente produzido. Para que isso ocorra é necessário que as escolas facilitem o acesso aos jornais impressos e digitais e ampliar as discussões sobre os usos dos jornais impressos e *online* em sala de aula, como prática docente de leitura e escrita, contribuindo para um ensino de melhor qualidade e para a construção de um leitor crítico e para o uso dos media.

Em suma, tanto as novas tecnologias como os media têm um papel essencial no ensino pois vão permitir que os alunos trabalhem a partir de temas, projetos e atividades extra curriculares. A informática e o computador são apenas e alguns meios pelos quais podemos desenvolver a inteligência, flexibilidade, criticidade e criatividade.

Segundo Mercado (2002):

ao ter acesso as tecnologias da informação e sua transformação em conhecimento durante todo o período escolar, os alunos serão posteriormente agentes de mudança nos diversos setores ao influir naturalmente no uso destas; o uso adequado destas tecnologias estimula a capacidade de desenvolver estratégias de buscas, estimula o desenvolvimento de habilidades sociais, a capacidade de comunicar efetiva e coerentemente, a qualidade da apresentação escrita das ideias, permitindo a autonomia e a criatividade (p. 26).

Assim, o uso efetivo da tecnologia pelos dos alunos passa primeiro por uma predisposição para o uso da tecnologia pelos docentes; a necessidade de levar os meios para a sala de aula como complemento à prática pedagógica. A escola precisa explorar os media e permitir que os estudantes os manipulem e produzam conteúdo. Esta é uma forma eficiente de libertar os mecanismos associados à transmissão da informação, estimular a leitura, a produção em equipa e a elaboração de textos, habilidades essenciais para o exercício da cidadania.

3.4 Objetivos, metodologia e amostra

No decorrer da PES, após um período de observação, foi levantada a questão relativa à à inexistência de uma ferramenta de comunicação numa escola tão dinâmica e dotada de recursos, como a Escola Básica de Bonfim. Neste seguimento, surgiu o interesse em pesquisar/adaptar um meio e uma forma de divulgar o trabalho autónomo desta instituição, ou seja, surgiu a ideia de elaborar um jornal escolar. De acordo com a temática em estudo, delinear-se os seguintes **objetivos** de estudo:

- compreender a importância de um jornal escolar como ferramenta pedagógica;
- identificar e analisar as publicações distinguidas no Concurso Nacional de jornais escolares;
- elaborar uma proposta para um Jornal Mural para o 1º CEB.

No que se refere à **metodologia** utilizada para a realização deste estudo optou-se por uma investigação de natureza qualitativa. A utilização deste método, de acordo com Carmo & Ferreira (2008, p. 197) *os investigadores tendem analisar a informação de uma forma indutiva. Desenvolvem conceitos e chegam à compreensão dos fenómenos a partir de padrões provenientes da recolha de dados. Não procuram informação para verificar hipóteses.*

As técnicas mais utilizadas numa investigação de natureza qualitativa são a observação participante e a análise documental para a recolha e registo de dados Assim, foram efetuadas pesquisas no intuito de clarificar a vasta informação que se pode encontrar em relação a esta temática. Segundo Carmo & Ferreira (2008, p. 54) *os primeiros locais que naturalmente ocorrem ao investigador são as bibliotecas e os arquivos públicos e privados. No entanto, para respeitar o princípio da economia de tempo, há que proceder a uma selecção prévia dos centros de documentação.*

Segundo Bogdan & Biklen (1994, p. 47) *na investigação qualitativa a fonte directa de dados é o ambiente natural constituído pelo investigador o instrumento principal*, ou seja, é um contacto aprofundado do investigador com os indivíduos nos seus contextos naturais, assumindo-se ele próprio um ator social, porque participa no mesmo cenário e estuda-o do lado de dentro, elaborando um registo escrito e sistemático de tudo aquilo que ouve observa, com objetivo de recolher dados que o ajudam a construir as redes de sentido, a dinâmica dos processos, atos e acontecimentos.

Os autores Bogdan & Biklen (1994, p. 49) afirmam, que *os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos*, o que significa a importância das interações e das atividades dos indivíduos para uma melhor compreensão da formação dos significados, expectativas, representações e atitudes.

Neste estudo descritivo utilizou-se como **amostra** algumas publicações do jornal *Público na escola*, o que possibilitou a recolha e análise de dados que permitiu para validar evidências de outras fontes e/ou acrescentar informações. Segundo Bogdan & Biklen (1994) *os dados recolhidos através destas técnicas tornam-se (...) ricos em pormenores descritivos relativamente a pessoas, locais e conversas, e de complexo tratamento estatístico (...). Privilegiam, essencialmente a compreensão dos comportamentos a partir da perspectiva dos sujeitos da investigação (...). Recolhem normalmente os dados em função de um contacto aprofundado com os indivíduos, nos seus contextos ecológico naturais* (p.69).

3.5 Projeto “ Público na escola”

O projeto “Público na escola” nasceu no ano de 1990, no ano de lançamento do jornal Público para incentivar o uso dos jornais nas escolas e posteriormente a utilização dos media na escola enquanto instrumentos ao serviço da inovação pedagógica e da aprendizagem da vida cívica e uma reflexão crítica sobre a lógica específica dos diversos meios de comunicação social.

Este Projeto, lançado aquando da criação do próprio jornal, assumiu uma atitude arriscada e pioneira que a breve espaço se revelou em toda a sua dimensão apresentando especial relevo as questões educativas e a formação das novas gerações como premissas de uma opinião pública informada, ativa e interveniente que se reconhece ser condição fundamental da democracia e da dinâmica de uma sociedade aberta que não fixa fronteiras regionais, nacionais e culturais aos movimentos de comunicação e de opinião.

O projeto “Público na Escola”, conta com a colaboração ativa do Ministério da Educação, este pressupõe como objetivos⁸:

- a) Contribuir para uma relação mais próxima entre a actualidade e a escola.*
- b) Estimular nos jovens estudantes a consciência dos seus direitos e possibilidades de acção face à comunicação social, ajudando-os, nomeadamente, a descodificar a linguagem da imprensa e dos "media" em geral.*
- c) Promover entre os jovens uma visão mais dinâmica e mais interessante da vida social, criando condições para melhor se situarem nas grandes questões que atravessam a sociedade contemporânea.*

⁸ Consultado em http://static.publico.pt/nos/livro_estilo/26-projecto-e.html no dia 22 de Julho de 2011.

d) Contribuir para o desenvolvimento do espírito crítico das novas gerações, nomeadamente face aos meios de comunicação social.

e) Interessar de forma duradoura a população escolar (alunos e professores) pela leitura de jornais e, em particular, do PÚBLICO.

f) Apoiar uma aprendizagem mais viva da língua portuguesa.

g) Fornecer material de apoio a várias disciplinas dos ensinos básico e secundário.

Pode afirmar-se, que os objetivos e as práticas do *Público na Escola* têm sido perspectivados de forma adequada, sendo este facto visível através da aceitação que a sua ação vem merecendo junto dos principais destinatários, as escolas do básico ao secundário, tendo como principais contributos a rápida afirmação do Público como jornal de referência na sociedade portuguesa; a ausência de qualquer tentativa de imposição de eventuais modelos pedagógicos ou, sequer, de linhas de atuação específicas no domínio da educação para os media. O projeto contempla as seguintes vertentes de intervenção⁹:

a) Produção de materiais de apoio ao uso plural e inovador da imprensa e dos "media" na escola ("dossiers", fichas de trabalho, videogramas, etc.).

b) Investimento na qualidade pedagógica das visitas de estudo ao jornal.

c) Apoio a solicitações de escolas e de grupos de professores que se insiram no âmbito do projecto, nomeadamente, em iniciativas de formação contínua, ligadas à educação para os "media".

d) Criação de um núcleo documental e bibliográfico de apoio aos docentes interessados.

e) Promoção de iniciativas próprias como seja o lançamento do concurso dos jornais escolares e de projectos de educação e "media", além de colaborações diversas na "Semana dos Media na Escola".

f) Assinaturas do PÚBLICO com desconto de 40 por cento (ou mais, consoante os casos) sobre o valor habitual da assinatura.

g) Constituição progressiva de uma rede de docentes e de instituições, nacionais e estrangeiras, com vista ao intercâmbio de experiências e à troca de informações.

⁹ Consultado em http://static.publico.pt/nos/livro_estilo/26-projecto-e.html no dia 22 de julho de 2011.

Em suma, os media têm vindo a assumir um papel fulcral na educação, pois a sua utilização tem enorme contributo nas escolas nos dias de hoje, para afirmação de jovens mais informados, mais críticos e civicamente mais ativos.

Este projeto *Público na escola* criou e promoveu o Concurso Nacional de Jornais Escolares, que se realizou anualmente entre 1991 e 2012. Este pretende estimular o aparecimento das publicações escolares e o aperfeiçoamento das existentes, cumprindo assim um dos primordiais objetivos do *Público na Escola*. Este projeto durante uma dezena de anos apreciou publicações em papel e jornais *online*, além de outros trabalhos na área da comunicação que foram realizadas por muitos milhares de alunos e muitas centenas de professores de estabelecimentos de ensino de todos os graus de ensino básico e secundário de todo o país, que constituíram inestimáveis contributos para a melhoria da vida escolar.

3.5.1 Publicações distinguidas entre 2000/01 e 2008/09

O concurso Nacional de Jornais Escolares promovido entre os anos 2000/01 e 2008/09 foi assinalado numa edição especial publicada no n.º 201 de março de 2010. Nessa edição sobressairão as publicações (jornais escolares) distinguidas durante esse período.

No Mapa 5 apresenta-se uma interpretação das publicações distinguidas entre 2000/01 e 2008/09.



Mapa 1: Publicações distinguidas entre 2000/01 e 2008/09
 Fonte: elaboração própria tendo por base o mapa do <http://www.guiadeportugal.pt/>

Ao visualizar o mapa de Portugal continental pode inferir-se que o maior número de publicações distinguidas concentra-se no litoral do país, sendo mais reduzido o número de publicações distinguidas no interior. No que se refere aos arquipélagos a Madeira apresenta mais publicações distinguidas que os Açores. Ao longo da análise do documento detetou-se um erro que foi tido em conta aquando da análise, ou seja, no distrito da guarda foram apenas distinguidos 4 jornais, pois um dos que consta neste distrito deveria estar distinguido no distrito de Castelo Branco.

O número total de publicações de jornais escolares distinguidas entre 2000/01 e 2008/09 foi 163 jornais. Este elevado número de publicações distinguidas revela que este projeto desenvolvido com o apoio do Ministério da Educação, incentivou uso dos media na escola, enquanto instrumentos pedagógicos ao serviço da aprendizagem da vida cívica. Neste sentido são diversos os temas propostos, tais como por exemplo redes sociais, que fazer com as novas tecnologias, como educar para o consumo entre outros. Estes temas promovem o Concurso Nacional de jornais escolares, salientando-se, nomeadamente, o estímulo da prática de um jornalismo escolar crítico, imaginativo e de grande qualidade; o aumento da importância da

utilização dos jornais escolares no processo de ensino/aprendizagem e na construção da identidade das escolas; o conceito do jornal escolar como instrumento cívico para a discussão de temas relevantes para a comunidade escolar e para a promoção de relações entre a escola e o meio envolvente; e o incentivo da utilização das Tecnologias da Informação e da Comunicação na produção de jornais escolares.

3.6 Proposta de uma prática docente

A produção de um jornal seja este pequeno ou grande representa sempre um trabalho em equipa onde se que se relacionam níveis de responsabilidade e poderes distintos. Para planear a produção de um jornal escolar, são inúmeras as questões que se podem colocar a quanto a sua elaboração (Santos & Pinto, 1992):

- Que tipo de jornal?
- Será um jornal com o apoio da direção da escola?
- Que tipos de temas devem ser tratados?
- Que géneros jornalísticos estarão presentes?
- Qual a finalidade de produzir aquele jornal?
- A quem se dirige?
- (...)

Neste sentido é necessário que sejam tomadas algumas decisões em relação alguns aspetos do jornal, tais como: o seu conteúdo e as etapas, (Santos & Pinto, 1992). No que se refere aos **conteúdos** engloba:

1. O jornal deve englobar alguma variedade nos temas.
2. Colunas fixas devem ter uma rubrica específica e ficarem situadas sempre na mesma página;
3. A questão da publicidade no jornal escolar é um assunto que precisa de ser estabelecido no início ao traçar as linhas gerais do jornal, a publicidade trará fundos para a confeção do jornal, mas a decisão deve ser estabelecida com critérios e normas explícitas.
4. Tentar conhecer o público-alvo. Deve ser feita uma pesquisa nesse sentido, para que se possam determinar os leitores do jornal: Alunos? A escola? Pais? Comunidade? (...).

Para (Santos & Pinto, 1992) as **etapas** da elaboração de um jornal devem definir: *a equipa, o papel dos professores, periodicidade, nome e logotipo, anteprojecto e impressão do jornal* (p.145).

A equipa

1. Criação da redação do jornal, esta implica a decisão de criar uma equipa de redação de maneira formal, que se encarregará com as redações dos jornais ou então ter uma redação informal, ou seja, um grupo permanente que assegure uma organização mínima dos trabalhos.
2. Definir participantes: professores, alunos pais, funcionários, representantes da comunidade.
3. Distribuir responsabilidades, deve existir uma rotação de funções entre os membros da redação, para que todos tenham a possibilidade de assumir posições de decisão.

O papel dos professores

Os professores desempenham um papel fundamental nas etapas de organização e elaboração de um jornal escolar, exigindo um trabalho prévio de organização e incentivo para a colaboração dos alunos. Assim cabe aos professores o trabalho de supervisionar e orientar tudo o que for elaborado para o jornal, assumindo um papel de organizadores e fiscalizadores das etapas e controle das funções de cada um.

Periodicidade

A periodicidade do jornal, é um item importante de ser estabelecido, ou seja, deve-se observar qual o tempo que a equipa dispõe para a elaboração do jornal podendo ser semanal, mensal, trimestral entre outros para a definir.

Nome e logótipo

A escolha do título é fundamental para despertar a curiosidade dos leitores, logo a criação do logótipo do jornal é um trabalho que exige reflexão e criatividade

Anteprojeto

Nesta etapa são realizados alguns esboços estabelecendo quais os objetivos atingir; o modelo do jornal; as equipas que se encarregam das diferentes tarefas; cálculo das despesas e o conteúdo do primeiro número.

Impressão

Na planificação de um jornal escolar, é preciso verificar os meios de impressão disponíveis, segundo as possibilidades financeiras de cada instituição.

Como tem vindo a ser referido pelas escolas os jornais que são fruto de um esforço muito coletivo entre de professores, alunos e funcionários. Ao longo da PES II verificou-se a inexistência de uma ferramenta de comunicação própria na Escola Básica do 1º Ciclo de Bonfim. Neste sentido surgiu a ideia de apresentar uma proposta para um Jornal Mural (JM) para ser implementado na escola. Um JM é um instrumento dinâmico e imediato de baixo custo, mas, para se tornar um instrumento eficiente, deve dispor de planeamento prévio, programação visual e ainda contar com recursos gráficos, como fotos e ilustrações. Segundo Santos & Pinto (1992, p. 154) a elaboração do JM tem como objetivos:

- *Promover a leitura ágil e atraente;*
- *Valorizar o trabalho dos alunos;*
- *Desenvolver a leitura, síntese, seleção de textos escritos e imagens;*
- *Experiencia de trabalhos em grupo.*

A proposta do JM que se apresenta na Figura 7, deve ser colocado num lugar bem visível, de preferência num corredor de passagem, onde seja possível parar para o ler. No que se refere ao material deve ser esteticamente distribuído e as colunas apresentadas sempre no mesmo lugar, para que o leitor se habitue a encontrá-las no lugar habitual. Não deve ser esquecido que é preciso ter sempre em mente que a principal função do jornal é informar, necessitando regularmente de atualizar os assuntos de interesse dos leitores. A proposta pretende ser informativa, atualizada, recreativa e comunicativa. As colunas encontram-se

divididas em diversos assuntos onde todos os alunos dos diferentes níveis de escolaridade devem participar e contribuir para o jornal.

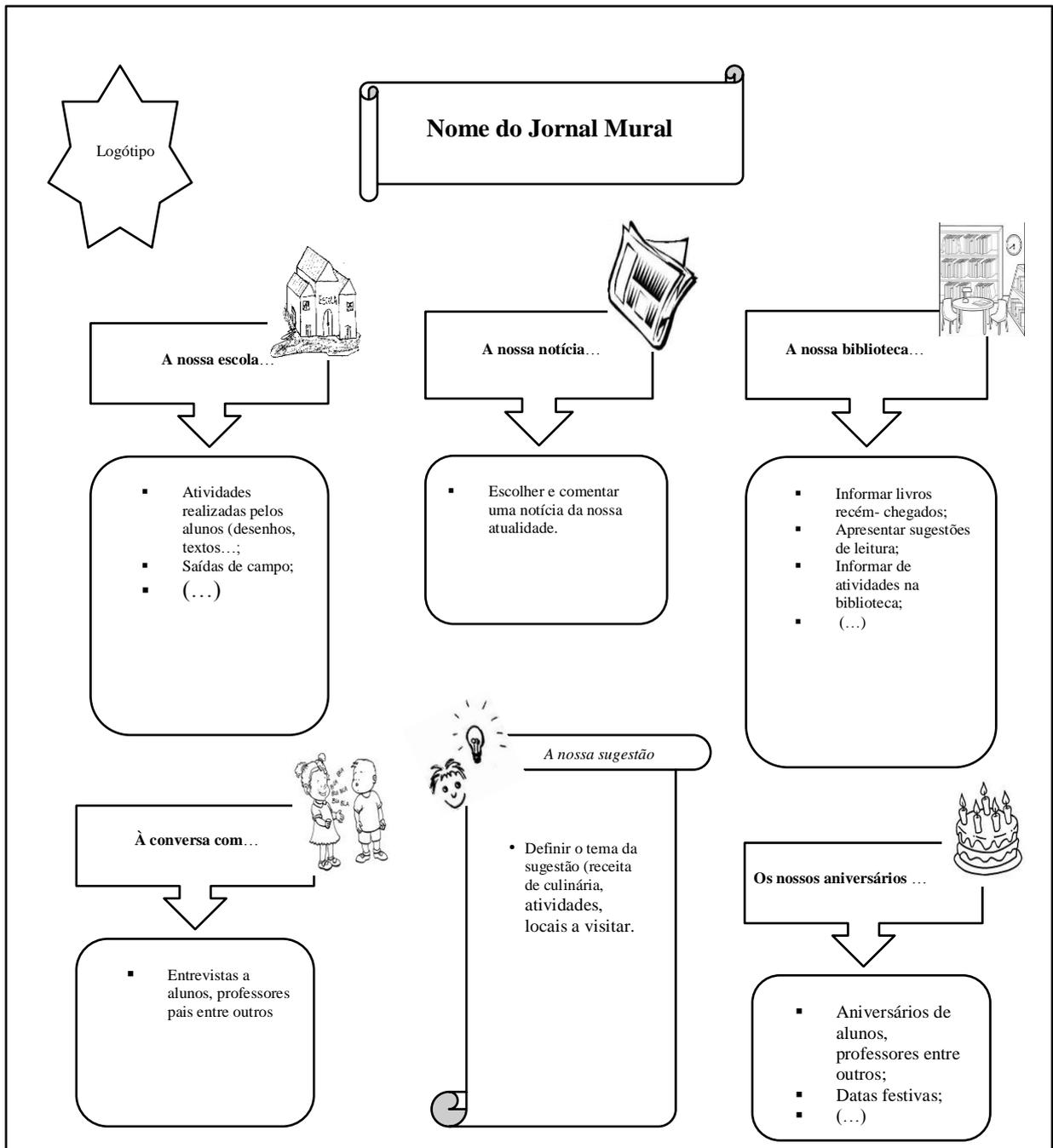


Figura 7: Proposta de um Jornal Mural
Fonte: elaboração própria

3.7 Conclusão

De acordo com a pesquisa realizada para fundamentar o tema do presente capítulo, pode concluir-se que o jornal escolar é um recurso pedagógico eficaz, que já começa a ser bastante utilizado como uma ferramenta, na maioria das escolas portuguesas. Neste sentido, a realização do Concurso Nacional de Jornais Escolares foi um incentivo a este tipo de produção. O reconhecimento e a exibição de alguns jornais escolares foi um dos motivos para melhorar o conteúdo e a estrutura dos jornais escolares do País.

A elaboração de um jornal na escola propícia e incentiva o trabalho e a criatividade do aluno, contribuindo para a sua formação pessoal enquanto cidadão e para o desenvolvimento do seu espírito crítico, revelando-se um contributo fundamental no processo ensino/aprendizagem.

O jornal escolar é um recurso precioso, que permite a flexibilidade e a criatividade, tornando o processo de aprendizagem mais rico, dinâmico e participativo.

Considerações finais

As PES contribuíram, de forma bastante gratificante, para uma evolução a nível profissional e pessoal, uma vez que proporcionaram a aquisição de inúmeras competências e a superação de vários obstáculos, tendo contribuído para um desempenho mais autónomo da futura profissão docente.

O desenvolvimento da prática permitiu a consciencialização para a importância dos desafios que se colocam diariamente ao professor, no sentido de melhorar a sua prática, fundamentando e justificando as opções tomadas.

As PES foram orientadas com base em abordagens sócio construtivistas funcionais e relacionais, que têm como princípio de que o aluno deve desenvolver-se socialmente, emocionalmente, fisicamente e cognitivamente, promovendo a participação ativa da sua própria aprendizagem. Assim, toda a prática pedagógica pretendeu dar sentido ao seguinte provérbio que caracteriza a sabedoria do povo chinês: *Diz-me e eu esquecerei/Ensina-me e eu lembrar-me-ei/Envolve-me e eu aprenderei* (sem autor) tentando enquadrá-lo no processo de ensino/aprendizagem posto em prática.

O fato de a prática pedagógica englobar dois níveis de ensino distintos, permitiu observar e agir de forma mais reflexiva, estabelecendo a relação entre a ação no Jardim-de-infância e a suas consequências nas capacidades e atitudes dos alunos no 1º Ciclo do Ensino Básico. Ao longo deste percurso, surgiram algumas dificuldades e limitações decorrentes, em larga medida, da necessidade de gerir o tempo, de modo a não descuidar do trabalho diário que envolve a profissão de ser professor. No entanto, a partilha de experiências e pontos de vista, assim como, a reflexão sobre o decorrer das práticas, que foi sendo partilhado com as Professoras Cooperantes ao longo das PES, revelaram-se um contributo fundamental para o desenvolvimento pessoal e profissional, colmatando e corrigindo alguns aspetos menos bem conseguidos.

Chegado o fim desta etapa, considera-se que as PES têm um papel de extrema importância na formação de futuros professores, mas tende a ser encarada como sendo apenas o início de um processo de formação, que não estará nunca concluído, nem completo. Cabe aos profissionais procurar desenvolver e aprofundar os seus conhecimentos, numa perspetiva de aprendizagem constante.

Os objetivos propostos para o terceiro capítulo foram superados reconhecendo-se a importância de um jornal escolar como ferramenta pedagógica. A análise ao Concurso Nacional dos Jornais Escolares permitiu identificar as publicações nacionais distinguidas. Foi ainda gratificante apresentar um esboço para a elaboração de um jornal escolar que possibilitou (re) conhecer novas estratégias e recursos que um professor pode utilizar no processo de ensino/aprendizagem.

Bibliografia

- Enciclopédia Manual de Educação Infantil*. (2002). Amadora: Marina Editores.
- Alarcão, I. (2007). *Professores reflexivos em uma escola reflexiva*. (5, Ed.) São Paulo: Cortez.
- Bazerman, C. (2006). *Gênero, agência e escrita*. São Paulo: Cortez.
- Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação*. Porto: Porto Editora.
- Carmo, H., & Ferreira, M. M. (2008). *Metodologia da investigação- Guia para a Auto-aprendizagem*. (2º, Ed.) Lisboa: Universidade Aberta.
- DGIDC. (2007). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Dines, A. (1986). *O papel do Jornal: uma releitura*. (4º, Ed.) São Paulo: Summus.
- Educação, M. d. (2001). *Currículo Nacional do Ensino Básico - Competências Essenciais*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Ferreira, A. (2007). *Leitura de jornais em famílias d estudants de escola pública de Ensino Fundamental*. Marília: Faculdade de Filosofia e Ciências. UNESP. Dissertação de Mestrado.
- Freinet, C. (1974). *O Jornal Escolar*. Lisboa: Estampa.
- Hohmann, M., & Weikart, D. (2007). *Educar a Criança*. Lisboa: Calouste Gulbenkian.
- Lemos, M., & Carvalho, T. (2002). *O aluno na sala de aula*. Porto: Porto Editora.
- Mercado, L. P. (2002). *Novas tecnologias na educação: reflexões sobre a prática*. Maceió: Edufal.
- Pastorello, A. (2005). *Aprender ler jornais no ensino fundamental*. Dissertação de Mestrado Marília: Universidade Estadual Paulista - Faculdade de Filosofia e Ciências UNESP.
- Sampaio, R. M. (1989). *Freinet: evolução histórica e atualidades*. São Paulo: Scipione.
- Sancho, J. M. (1998). *Para uma tecnologia educacional*. Porto Alegre: Artmed.
- Santos, A., & Pinto, M. (1992). *O jornal escolar, porque e como fazê-lo*. Porto: ASA.
- Toschi, M. (1993). *Educação escolar e comunicação presenças e ausências do jornal na sala de aula*. Goiânia: Dissertação de Mestrado em Educação.

Anexos

Lista de anexos

Anexo I	Tabela da caracterização do Grupo do pré-escolar
Anexo II	Tabela da caracterização da Turma A14
Anexo III	Planificações para o Jardim de Infância da Póvoa do Mileu
Anexo IV	Planificações para a Escola Básica de Bonfim

Anexo I

Tabela caracterização do Grupo da Sala n.º2				
Nomes	Idades	Género	Elementos do agregado familiar	Encarregado de Educação/ Parentesco
A	5	M	3	Mãe
B	5	M	6	Mãe
C	5	F	4	Mãe
D	5	M	4	Mãe
E	4	F	4	Mãe
F	4	M	4	Pai
G	4	M	3	Mãe
H	4	M	3	Mãe
I	4	M	3	Mãe
J	4	F	4	Mãe
K	3	M	4	Mãe
L	3	M	4	Mãe
M	3	F	5	Mãe

Fonte: adaptado de documentos internos da instituição acolhedora (da Pática de Ensino Supervisionada).

Anexo II

Tabela da caracterização da Turma A14					
Nomes	Idades	Género	Agregado Familiar	Habilitações Literárias do Mãe /Pai	
				Mãe	Pai
A	6	F	3	Bacharelato	Bacharelato
B	6	F	4	Mestrado	Licenciatura
C	6	M	3	12º Ano	Licenciatura
D	6	M	4	12º Ano	Licenciatura
E	6	F	3	12º Ano	Licenciatura
F	6	F	4	Licenciatura	Licenciatura
G	6	M	5	12º Ano	12º Ano
H	6	M	4	12º Ano	Mestrado
I	6	M	3	12º Ano	12º Ano
J	6	M	3	Licenciatura	Licenciatura
K	6	M	3	Licenciatura	Licenciatura
L	6	M	4	Mestrado	Licenciatura
M	6	M	4	12º Ano	Licenciatura
N	6	F	3	12º Ano	12º Ano
O	6	F	4	12º Ano	Licenciatura
P	6	M	3	12º Ano	12º Ano
Q	6	F	7	Licenciatura	Licenciatura
R	6	F	2	12º Ano	12º Ano
S	6	M	4	Licenciatura	12º Ano
T	6	M	3	12º Ano	Bacharelato
U	6	M	4	Licenciatura	12º Ano
V	6	M	3	Licenciatura	Mestrado
W	6	M	3	12º Ano	12º Ano
X	6	M	6	9º Ano	6º Ano
Y	6	F	3	Licenciatura	Licenciatura

Fonte: adaptado de documentos internos da instituição da PES II.

Anexo III



INSTITUTO POLITÉCNICO DA GUARDA
JARDIM DE INFÂNCIA DA PÓVOA DO MILEU



Agrupamento de Escolas de S. Miguel

Planificação n.º 3

Tema da planificação: Escritores da Guarda e Dia da Mãe

Educadora Cooperante: Teresa Baptista Galinho

Semana: 27/4/2011- 29/4/2011

Alunas/Estagiárias: Ana Fonseca e Cátia Silva

Grupo: 3,4 e 5 anos

Dia 27 de Abril de 2011

<i>Duração</i>	<i>Áreas de conteúdo</i>	<i>Objectivos</i>	<i>Competências</i>	<i>Estratégias/ actividades</i>	<i>Intervenientes</i>	<i>Recursos</i>	<i>Avaliação</i>
8:30				- Acolhimento matinal - Jogos de mesa			
9:30	Área da expressão e da comunicação <i>Domínio da Expressão motora</i>	→Trabalhar a orientação corporal; → Trabalhar o domínio da coordenação corporal e dinâmica; →Promover o conhecimento de si próprio.	→Interiorizar o esquema corporal; →Interagir com os outros.Interiorizar o esquema corporal; →Reconhecer as diferentes partes do corpo; → Compreender as partes do corpo de maneira activa.	→”Puzzle do corpo”, este consiste na organização do esquema corporal. → Dança “ombros, cabeça, joelho e pés”.	→Crianças →Estagiárias →Educadora →Auxiliar da acção educativa	→Puzzle do menino/ menina articulado; → CD “Panda vai à escola”.	Observação Directa

Dia 28 de Abril de 2011

10:00	- Lanche						
10:20	<p>Área da expressão e da comunicação</p> <p align="center"><i>Domínio da linguagem oral</i></p> <p>Área Formação pessoal e social</p>	<p>→ Desenvolver a linguagem oral;</p> <p>→ Promover o discurso oral através da expressão de ideias;</p> <p>→ Desenvolver atitudes de atenção/concentração;</p> <p>→ Despertar o gosto e o interesse pela leitura;</p> <p>→ Relembrar alguns valores: respeito.</p>	<p>→ Escutar uma história;</p> <p>→ Respeitar os outros.</p> <p>→ Compreender a relação entre autor/livro;</p>	<p>→ No espaço de reunião vamos executar a rotina, em seguida a leitura de uma história “Os vizinhos da casa azul”, de Francisca Oliveira e Vera Vale, recorrendo a um Fantocheiro “ Os vizinhos da Casa Azul”</p> <p>→ Apresentação de uma breve biografia das escritoras da história.</p> <p>→ Relembrar as crianças que conhecem uma das autoras pessoalmente, e se gostariam de colocar algumas questões;</p>	<p>→ Crianças</p> <p>→ Estagiárias</p> <p>→ Educadora</p> <p>→ Auxiliar da acção educativa</p>	<p>→ Livro/ Casa “ Os vizinhos da Casa Azul”</p> <p>→ Biografia Francisca Oliveira e Vera Vale</p> <p>→ Fantocheiro “ Os vizinhos da Casa Azul”</p>	Observação directa
12:00/14:00	- Almoço						
14:00/15:30	<p>Área da expressão e da comunicação</p> <p align="center"><i>Domínio da linguagem oral</i></p> <p align="center"><i>Domínio da Expressão Plástica</i></p>	<p>→ Expressar a sua opinião;</p> <p>→ Desenvolver a criatividade.</p>	<p>→ Apresentar elementos da história.</p> <p>→ Pronunciar um discurso coerente;</p> <p>→ Desenvolver a motricidade fina.</p>	<p>→ Exploração da história.</p> <p>→ Registo das perguntas a colocar a escritora da história Francisca Oliveira.</p> <p>→ Proporcionar a manipulação do Fantocheiro.</p> <p>→ Desenho sobre a história.</p>	<p>→ Crianças</p> <p>→ Estagiárias</p> <p>→ Educadora</p> <p>→ Auxiliar da acção educativa</p>	<p>→ Fantocheiro “ Os vizinhos da Casa Azul”</p>	Observação directa;

8:30	- Acolhimento matinal - Jogos de mesa						
9:30	<p>Área da expressão e da comunicação</p> <p><i>Domínio da Expressão Motora</i></p>	<p>→ Interagir em grupo;</p> <p>→ Proporcionar jogos de movimentos.</p>	<p>→ Lembrar personagens da história do dia anterior;</p> <p>→ Participar activamente em jogos de regras;</p> <p>→ Interagir com os outros.</p>	<p>“ Os vizinhos”</p> <p>1.º Passo: o grupo coloca-se em roda venda-se os olhos a uma criança, este deve dar uma volta e apontar com o dedo e escolher o seu vizinho.</p> <p>2.º Passo: a criança com os olhos vendados deverá dizer: “ Vizinho onde está?”, Por sua vez o seu vizinho deve responder “estou aqui”.</p> <p>3.º Passo: O jogo termina quando o vizinho de olhos vendados conseguir encontrar o seu vizinho.</p> <p>→ Puzzle do corpo”, este consiste na organização do esquema corporal.</p> <p>→ Dança “ombros, cabeça, joelho e pés”.</p>	<p>→ Crianças</p> <p>→ Estagiárias</p> <p>→ Educadora</p> <p>→ Auxiliar da acção educativa</p>	<p>→ Vendas;</p> <p>→ CD “Panda vai à escola”.</p>	Observação directa
10:00	- Lanche						
10:20	<p>Área da expressão e da comunicação</p> <p>Área do conhecimento do Mundo</p>	<p>→ Despertar o interesse pelos livros;</p> <p>→ Proporcionar novos conhecimentos;</p> <p>→ Realizar uma</p>	<p>→ Lembrar personagens da história do dia anterior;</p> <p>→ Articular as diferentes partes da história;</p>	<p>→ No espaço de reunião, realizamos a rotina.</p> <p>→ Lembrar/recontar a história do dia anterior.</p> <p>→ No espaço de reunião vamos colocar 11 caixas de sapatos e pedir as crianças</p>	<p>→ Crianças</p> <p>→ Estagiárias</p> <p>→ Educadora</p> <p>→ Auxiliar da acção educativa</p>	<p>→ Livro “ Os vizinhos da Casa Azul”</p> <p>→ Caixas de sapatos</p>	Observação directa

	<p><i>Domínio da Matemática</i></p> <p><i>Domínio da expressão oral</i></p>	<p>contagem; →Desenvolver a criatividade.</p>	<p>→ Efectuar a contagem dos objectos presentes.</p>	<p>que individualmente explorem as caixas. → Deixar as crianças explorar as caixas à sua vontade, apelando à sua imaginação. → Após a exploração relembrar as crianças que podemos aproveitar as caixas para construir a cidade da história.</p>			
12:00/14:00	- Almoço						
14:00/15:30	<p>Área da expressão e da comunicação</p> <p><i>Domínio da expressão oral</i></p> <p><i>Domínio da Expressão Plástica</i></p>	<p>→ Estimular a criatividade; → Expressar a sua opinião.</p>	<p>→Representar as suas ideias; →Pintar o que lhe é pedido.</p>	<p>→ Registrar o que cada criança pretende fazer com a caixa interligando com uma forma de registarem a história ouvida (Exemplo: construção da cidade da história). →Início do registo da história.</p>	<p>→Crianças →Estagiárias →Educadora →Auxiliar da acção educativa</p>		Observação directa

Dia 29 de Abril de 2011

8:30	- Acolhimento matinal - Jogos de mesa						
9:30	Área da expressão e da comunicação <i>Domínio da expressão oral</i> <i>Domínio da Expressão Físico Motora</i>	→ Promover o respeito pelos outros; → Trabalhar o domínio da coordenação corporal e dinâmica.	→ Interagir com os outros; → Realizar um desafio.	→ "Puzzle do corpo", este consiste na organização do esquema corporal. → Dança "ombros, cabeça, joelho e pés". → Questionar o que poderíamos colocar para o corpo ficar articulado, por exemplo, ataches.	→ Crianças → Estagiárias → Educadora → Auxiliar da acção educativa	→ CD "Panda vai à escola"	Observação directa
10:00	- Lanche						
10:20	Área da expressão e da comunicação <i>Domínio da expressão oral</i> <i>Domínio da expressão plástica</i>	→ Desenvolver a linguagem oral; → Promover o discurso oral através da expressão de ideias; → Desenvolver atitudes de atenção/concentração.	→ Expressar a sua opinião em relação a um determinado assunto. → Expressar as suas ideias; → Desenvolver um discurso coerente.	→ Após a realização da rotina, vamos receber a visita da escritora Francisca Oliveira da história " Os vizinhos da Casa Azul", onde as crianças vão colocar as questões que tinham pensado. → Terminado este pequeno diálogo vamos retomar a construção das casas da história ouvida.	→ Crianças → Estagiárias → Educadora → Auxiliar da acção educativa	→ Caixas de sapatos - casa	Observação directa Registo
12:00/14:00	- Almoço						

14:00/15:30	Área da expressão e da comunicação <i>Domínio da expressão plástica</i>	→Promover a criatividade.	→ Retomar a actividade por acabar.	→Continuação do registo.	→Crianças →Estagiárias →Educadora →Auxiliar da acção educativa		Observação directa Registo
-------------	--	---------------------------	------------------------------------	--------------------------	---	--	-------------------------------

Anexo IV



ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E DESPORTO
INSTITUTO POLITÉCNICO DA GUARDA



Planificação da semana: 23 a 25 de Janeiro de 2011

Professora Orientadora: Elisabete Brito	Professora Cooperante: Margarida Cardoso
Professora Estagiária: Ana Fonseca	Data: 23 de janeiro de 2011
Local de Estágio: Escola Básica de Bonfim	Ano de Escolaridade: 1 ° ano

Área	Competências	Descritores de desempenho	Conteúdos	Recursos	Avaliação
<i>Língua Portuguesa</i> Tempo: 9h/10h30m	→ Comunicação oral e escrita	→ Relatar acontecimentos interessantes vividos durante o fim-de-semana. → Identificar da consoante g/G, através de jogos fonéticos e gráficos, de associação palavra/imagem e de palavra/palavra (impresa e	→ Consoante g/G	→ Jogo “Vamos procurar as letras”. → Fichas de trabalho.	Observação direta - Participação dos alunos Observação indireta

		manuscrita). → Desenhar do grafema g/G. → Identificar das sílabas: ga, go e gu. → Resolver fichas de trabalho.			- Fichas de trabalho
Matemática Tempo: 10h50m/12h	→ Números e operações:	→ Resolver operações: adição e subtração.	→ Número 13	→ Cartões - Jogo do "13". → Ábaco. → Fichas.	Observação direta - Participação dos alunos Observação indireta - Ficha de trabalho
Estudo do Meio Tempo: 14h/15h	→ À descoberta do ambiente natural	→ Identificar os seres vivos: As Plantas. → Identificar os constituintes da planta. → Reconhecer as necessidades das plantas.	→ Os seres vivos: As plantas	→ Power point – Os seres vivos: as plantas. → Ficha do manual Estudo do Meio – 1º ano.	Observação direta - Participação dos alunos - Motivação dos alunos no diálogo Observação indireta - Ficha de trabalho
Expressão Plástica Tempo: 15h10/16h	→ Descoberta e organização progressiva das superfícies	→ Organizar imagens. → Completar as lacunas de uma história.	→ Sequenciar imagens	→ Ficha de trabalho. → Lápis de pintar.	Observação direta - Participação dos alunos - Motivação dos alunos na actividade

--	--	--	--	--	--

PROCESSOS DE OPERACIONALIZAÇÃO:

- **LÍNGUA PORTUGUESA:**

- Trabalhar o jogo “vamos procurar as letras”, antes de realizar o jogo as letras já se encontram distribuídas pela sala. Ler a rima associada a cada letra e pedir ao aluno que identifique o nome que consta na rima e por que letra se inicia, e assim sucessivamente até chegar ao grafema g/G.

- Trabalhar as Fichas.

- **MATEMÁTICA:**

- Explorar o “jogo do 13”: distribuir por cada criança 4 cartões do jogo e a respectiva ficha para registar as diferentes soluções, este consiste em que as crianças consigam obter sempre a soma de 13 tendo em conta os diferentes números que lhe são dados nos diversos cartões.

- Identificar o número 13 no ábaco.

- Resolver fichas de trabalho.

- **ESTUDO DO MEIO:**

- Dialogar sobre o que são seres vivos: as plantas.

- Identificar os diferentes constituintes das plantas.

- Reconhecer as necessidades das plantas.

- **EXPRESSÃO PLÁSTICA:**

→ Entregar uma folha com diversas imagens de uma história e pedir aos alunos que observem, contar o pequeno excerto referente às imagens. Os alunos devem completar as lacunas da história de acordo com o que ouvirem e inventar um título para a história.



ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E DESPORTO
INSTITUTO POLITÉCNICO DA GUARDA



Professora Orientadora: Elisabete Brito	Professora Cooperante: Margarida Cardoso
Professora Estagiária: Ana Fonseca	Data: 24 de janeiro de 2011
Local de Estágio: Escola Básica de Bonfim	Ano de Escolaridade: 1 ° ano

Área	Competências	Descritores de desempenho	Conteúdos	Recursos	Avaliação
------	--------------	---------------------------	-----------	----------	-----------

<p>Matemática Tempo: 9h/10h30m</p>	<p>→ Números e operações</p>	<p>→ Resolver situações problemáticas: adição e subtração.</p>	<p>→ Número – 14</p>	<p>→ 14 Letras. → Ábaco. → Fichas de trabalho.</p>	<p>Observação direta - Participação dos alunos</p> <p>Observação indireta - Fichas de trabalho</p>
<p>Língua Portuguesa Tempo: 10h50m/12h</p>	<p>→ Comunicação oral e escrita</p>	<p>→ Escutar uma história. → Identificar as sílabas gue /gui. → Identificar palavras com as sílabas gue/gui.</p>	<p>→ Caso de leitura gue/gui</p>	<p>→ História: A história da árvore Guida. → Quadro. → Ficha de trabalho.</p>	<p>Observação direta - Participação dos alunos</p> <p>Observação indireta - Ficha de trabalho</p>
<p>Estudo do Meio Tempo: 14h/15h</p>	<p>→ À descoberta do ambiente natural</p>	<p>→ Dialogar sobre as diferentes espécies de plantas → Reconhecer os cuidados a ter com as plantas. → Identificar as fases da vida das plantas. → Elaborar um “ervinhas”.</p>	<p>→ Os seres vivos: As plantas</p>	<p>→ Power Point: as plantas – espécies, cuidados e fases da vida. → Vídeo: eu sou a menina semente. → Ervinhas: (serradura, meias, semente de relva, copos de plástico e olhos);</p>	<p>Observação direta -Participação dos alunos - Motivação dos alunos na atividade</p>

<p><i>Expressão Dramática</i> Tempo: 15h10/16h</p>	<p>→ Jogos de exploração – o corpo</p>	<p>→ Explorar diferentes ritmos corporais.</p>	<p>→ Coreografias</p>	<p>→ CD Panda Vai a escola: “Chu chuí”.</p>	<p>Observação direta - Participação dos alunos - Motivação dos alunos na atividade</p>
--	--	--	-----------------------	---	---

PROCESSOS DE OPERACIONALIZAÇÃO:

- **MATEMÁTICA:**
 - Resolver o problema “ Quantas letras tem esta flor?”.
 - Identificar o número 14.
 - Representar o número 14 no ábaco.
 - Resolver fichas de trabalho.
- **LÍNGUA PORTUGUESA:**
 - Ler a história da árvore Guida.
 - Identificar o caso de leitura gue/gui.
 - Descobrir palavras com as sílabas gue/ gui.
 - Resolver a ficha de trabalho.
- **ESTUDO DO MEIO:**
 - Dialogar sobre as diferentes espécies de plantas
 - Reconhecer os cuidados a ter com as plantas.
 - Identificar as fases da vida das plantas.

- Visualizar um vídeo: eu sou a menina semente.
- Elaborar um “ervinhas”, para aplicar alguns dos conteúdos abordados: semear, cuidar de uma planta.
- **EXPRESSÃO DRAMÁTICA**
 - Dançar uma coreografia da música “chu chuí”.



ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E DESPORTO
INSTITUTO POLITÉCNICO DA GUARDA



Professora Orientadora: Elisabete Brito	Professora Cooperante: Margarida Cardoso
Professora Estagiária: Ana Fonseca	Data: 25 de janeiro de 2011
Local de Estágio: Escola Básica de Bonfim	Ano de Escolaridade: 1 ° ano

Área	Competências	Descritores de desempenho	Conteúdos	Recursos	Avaliação
	→ Comunicação oral e escrita	→ Ler de frases. → Escrita de frases a partir de	→ Consoante g/G	→ Quadro. → Fichas de	Observação direta

<p>Língua Portuguesa Tempo: 9h/10h30m</p>		<p>imagens.</p>		<p>trabalho.</p>	<p>- Participação dos alunos</p> <p>Observação indireta</p> <p>- Fichas de trabalho</p>
<p>Matemática Tempo: 10h50m/12h</p>	<p>→ Números e operações</p>	<p>→ Resolver situações problemáticas: adição e subtração.</p>	<p>→ Número 13/14</p>	<p>→ Ábaco. → Fichas de trabalho.</p>	<p>Observação direta</p> <p>- Participação dos alunos</p> <p>Observação indireta</p> <p>- Ficha de trabalho</p>
<p>Estudo do Meio Tempo: 14h/15h</p>	<p>→ À descoberta do ambiente natural</p>	<p>→ Dialogar sobre o tema abordado nas aulas anteriores: as plantas. → Explorar o jogo “ Os seres vivos”.</p>	<p>→ Os seres vivos: animais e plantas</p>	<p>→ 1 Campanha. → 2 Esponjas. → 15 Bandeiras amarelas. → 15 Bandeiras vermelhas. → 30 Cartões com perguntas.</p>	<p>Observação direta</p> <p>-Participação dos alunos -Motivação dos alunos na atividade</p>

<p><i>Expressão Musical</i> Tempo: 15h10/16h</p>	<p>→ Jogos de exploração - voz</p>	<p>→ Entoar as canções gosto de flores, oliveirinha da Serra e Alecrim.</p>	<p>→ Canções relacionadas com o tema: As plantas.</p>	<p>→ CD Estações do ano- gosto de flores. → Músicas da carochinha: Oliveirinha da Serra e Alecrim.</p>	<p>Observação direta - Participação dos alunos - Motivação dos alunos na atividade</p>
--	------------------------------------	---	---	--	---

PROCESSOS DE OPERACIONALIZAÇÃO:

- **LÍNGUA PORTUGUESA:**
→ Resolver fichas de trabalho sobre a consoante abordada.
- **MATEMÁTICA:**
→ Resolver Fichas sobre os números estudados.
- **ESTUDO DO MEIO:**
→ Dialogar sobre tema os seres vivos.
→ Explorar o jogo “os seres vivos”, este consiste em dividir a turma em dois grupos, a equipa amarela e a vermelha. De seguida um elemento de cada equipa vem responder a uma pergunta relacionada com o tema os seres vivos, o primeiro elemento que souber a resposta deve tocar na campainha e responder, se acertar a equipa fica com uma bandeira da sua cor, ganha a equipa que juntar o maior número de bandeiras.
- **EXPRESSÃO DRAMÁTICA**
→ Ouvir e cantar as músicas: gosto de flores, Oliveirinha da Serra e Alecrim.

